

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PERSPETIVAS DOS ESTUDANTES DO 3º CICLO E DO ENSINO
SECUNDÁRIO ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL RECEBIDA**

Cláudia Raquel Pereira Leitão

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PERSPETIVAS DOS ESTUDANTES DO 3º CICLO E DO ENSINO
SECUNDÁRIO ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL RECEBIDA**

Cláudia Raquel Pereira Leitão

Dissertação Orientada pela Prof.^a Doutora Maria João Alvarez

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2013

As crianças, os adolescentes, os adultos e os idosos são seres sexuados e, cada fase da vida possui interesses sexuais e exprime em comportamentos a própria sexualidade, os quais mudam de acordo com a idade, assumindo características próprias a cada período da vida (Donahue, Lichtenstein, Langstorm, & Onofrio, 2013).

Agradecimentos

Gostaria de agradecer àqueles que contribuíram para a conceção da presente monografia:

À Professora Doutora Maria João Alvarez, pelo apoio e disponibilidade demonstrada ao longo deste percurso e por todo o trabalho de revisão, revisão da revisão e revisão da revisão da revisão, que permitiu a conceção final desta monografia.

A todos os professores que acompanharam o meu percurso académico e que contribuíram para a minha formação com os seus ensinamentos. Um obrigado especial ao Professor Doutor Rodrigo de Sá-Nogueira Saraiva, ao Professor Doutor Wolfgang Lind, à Professora Doutora Ana Margarida Veiga Simão e à Professora Doutora M^a Dulce Gonçalves, por me terem transmitido ensinamentos que ultrapassaram a sala-de-aula e me fizeram crescer enquanto pessoa e profissional.

À Inês, à Sara e à Renata, por um Mestrado repleto de momentos, por um enorme apoio ao longo do desenvolvimento deste trabalho e pelos jantares intermináveis repletos de discussão de ideias e partilha de conhecimentos. Porque cada momento ficará gravado na minha memória e porque sem vocês este percurso teria sido menos gratificante, aqui fica um grande obrigado!

Ao João, por todo o apoio dado, pela motivação transmitida, pela certeza de que eu iria conseguir, pelo orgulho que sente, por se disponibilizar para me ajudar a todos os momentos, por me ter ajudado a contactar as escolas e por me ter ditado os dados a serem lançados na base de dados. Por tudo isto, muito obrigada!

A todos os agrupamentos de escola, a todas as escolas e a todos os pais que autorizaram o desenvolvimento desta investigação.

A todos os alunos que aceitaram e colaboraram no presente estudo, dando o seu contributo direto para o desenvolvimento da investigação neste domínio e para um ensino mais centrado em si.

Por fim, agradeço a todos os que não enumero, mas que acompanharam o meu percurso desde muito antes da minha entrada no Ensino Superior.

Resumo

Para a realização deste estudo, 671 alunos do 3º ciclo e ensino secundário, a frequentarem escolas portuguesas no ano lectivo 2012/2013, preencheram um questionário de autorrelato sobre perspectivas acerca da educação sexual recebida. O mesmo resultou de uma adaptação do original desenvolvido por Byers e colaboradores (2003), da Universidade de New Brunswick, no Canada. O questionário foi traduzido e adaptado para português, tendo por base a tradução e adaptação realizadas para as versões de professores (Alvarez & Marques Pinto, 2012) e pais (Quintal, 2002) do mesmo questionário. A maioria dos alunos considerou que a educação sexual devia ser uma responsabilidade partilhada entre pais e professores. Os alunos do 9º ano tiveram uma atitude menos positiva relativamente a esta partilha. Os inquiridos consideraram que a educação sexual se deve iniciar entre o 6º e o 8º ano de escolaridade e que os tópicos desta devem ser abordados no 3º ciclo do ensino básico. Foi encontrada uma correlação elevada entre a importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola e a percepção da qualidade da abordagem dos mesmos. Verificaram-se mais atitudes positivas face à educação sexual ser disponibilizada na escola quanto maior a percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pela escola e pelos pais. São os rapazes quem prefere um início precoce da educação sexual. Estes, tal como os alunos mais novos, perceberam como mais elevada a qualidade da educação sexual proveniente dos pais.

Palavras-chave: Educação Sexual, perspectiva dos jovens, sexualidade, Educação para a Saúde

Abstract

For this study, 671 students between the 7th and 12th grade, attending Portuguese schools in the academic year of 2012/2013, completed a self-report questionnaire on perspectives on sexual education received, placed on a web platform. The same resulted from an adaptation of the original developed by Byers and colleagues (2003), at the University of New Brunswick, Canada. The questionnaire was translated and adapted to Portuguese, based on the translation and adaptation carried out for the teachers (Alvarez & Marques Pinto, 2012) and parents (Quintal, 2002) versions of the same questionnaire. Most students felt that sexual education should be a shared responsibility between parents and teachers. Students in the 9th grade had a less positive attitude regarding this sharing. The enquired considered that sexual education should start between the 6th and 8th grade and that its topics should be covered between the 7th and 9th grades. A high correlation was found between the importance given to the approach of topics on sexual education in school and the perception of the quality of its approach. There were more positive attitudes towards sexual education being made available at school, as greater was the perceived quality of sexual education provided by both the school and parents. Males are the ones who prefer an early start of sexual education. These, as well as the younger students, perceived as higher the quality of sexual education coming from their parents.

Key-Words: Sexual Education, youth perspective, sexuality, health education

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento Teórico	2
Importância da educação sexual enquanto componente da saúde	2
A perspectiva dos jovens sobre a educação sexual	5
A educação sexual e a legislação portuguesa	7
Importância do presente estudo.....	9
Capítulo II – Método.....	12
Participantes	12
Instrumento	12
Procedimento	15
Procedimentos de análise.....	17
Capítulo III – Resultados.....	19
Caraterização da amostra.....	19
Percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelo professor e pelos país.....	20
Atitudes face à educação sexual.....	21
Importância atribuída a tópicos de educação sexual	22
Caraterização da educação sexual recebida na escola	24
Nível de escolaridade preferido para a aprendizagem dos tópicos	26
Caraterização da educação sexual recebida em casa.....	28
Capítulo IV – Discussão e Conclusões	30
Limitações.....	40
Implicações do estudo	41
Referências Bibliográficas	44
Lista de Anexos	51

Introdução

A adolescência tem sido uma fase do desenvolvimento cada vez mais estudada. Esta é uma fase em que se dão grandes alterações a nível biológico (e.g. passagem pela puberdade), social (e.g. conhecer novos pares), cognitivo (e.g. desenvolvimento da maturidade) e contextual (e.g. mudança de ciclo escolar) (Sprinthall & Collins, 2008). Devido à grande amplitude de alterações que têm lugar na adolescência, a investigação tem vindo a tentar compreender as necessidades dos indivíduos que se encontram nesta fase, onde se inclui o domínio da sexualidade enquanto fenómeno desenvolvimentista (Toleman & Clelland, 2011; Álvarez, 2004).

A sexualidade é um fenómeno amplo que se expressa através das práticas sexuais, dos desejos, sentimentos, pensamentos, emoções, das atitudes e representações de cada um (Maia, 2011). A mesma, apresenta-se como uma componente essencial ao ser humano e vai evoluindo em consonância com o seu desenvolvimento global, apresentando-se como domínio essencial à formação da identidade, autoconceito e autoestima, sendo essencial ao nosso relacionamento com os outros (Maia, 2006; Zapiain, 2003; Marques & Prazeres, 2000). A sexualidade dos indivíduos é aprendida no contexto psicossocial, através da família, comunidade, escola e pares (Maia, 2006). É neste âmbito que surge a educação sexual.

A presente investigação apresenta-se, então, como um contributo para o aumento do conhecimento da realidade portuguesa, no que respeita à educação para a saúde e sexualidade (de agora em diante denominada *educação sexual*) segundo a perspectiva de jovens do 3º ciclo e ensino secundário das escolas portuguesas.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

Importância da educação sexual enquanto componente da saúde

A saúde é um direito humano e, como tal, deve ser proporcionada a todos os indivíduos (Declaração Universal dos Direitos do Homem).

A Organização Mundial da Saúde (2010) define a saúde sexual de forma semelhante à definição geral de saúde, abrangendo a ausência de perturbações e doenças simultaneamente à presença de bem-estar, prazer e experiências seguras e não violentas. No entanto, embora a saúde, enquanto conceito global, já o seja, até à atualidade a vertente da sexualidade não foi integrada como uma dimensão dos direitos humanos. Foi no Egipto, na *International Conference on Population and Development* (ICPD) decorrida em 1994, que se falou em “direitos sexuais” pela primeira vez (Corrêa & Howe, 2007). Desde então, existe alguma controvérsia em torno deste conceito, cuja definição ainda não é clara, e da sua conceptualização enquanto direito humano (Lottes, 2013).

Mkumbo e Tungaraza (2007) afirmam que a existência de educação sexual pode alterar os comportamentos sexuais dos adolescentes. Diversos autores chegam mesmo a afirmar que é inaceitável que esta não esteja acessível às crianças e jovens, uma vez que estes poderão vir a recolher informação a este respeito através de fontes menos fidedignas (e.g. revistas e internet) (Ruiz-Canela e colaboradores, 2012; Almeida e Centa, 2009; Parreira, 2005/2006; Sieg, 2003).

Sabe-se que os alunos que tiveram educação sexual, antes da primeira relação sexual, têm maior probabilidade de incorrer em comportamentos de proteção, como o adiamento, ou mesmo abstinência, da primeira relação sexual e, quando esta ocorre, de utilizarem contraceção (Mueller, Gavin, & Kulkarni, 2008). Estes alunos apresentam,

também, maior probabilidade de utilizarem preservativo de forma mais consistente (Luster & Small, 1994, cit. por Papalia, Olds, & Feldman 2001), evitando gravidezes indesejadas e a transmissão de IST's (Papalia et al., 2001).

Em oposição ao mencionado anteriormente, os indivíduos que não têm educação sexual têm maior probabilidade de ter uma atividade sexual precoce, o que aumenta a probabilidade de envolvimento com múltiplos parceiros (Saavedra et al., 2010; Kirby, 2003) e a diminuição da utilização do preservativo, o que, por sua vez, aumenta a probabilidade de contração de IST's (Papalia et al., 2001) e da concepção não planeada (Saavedra et al., 2010).

No caso de Portugal, o início da actividade sexual tem vindo a ser progressivamente mais tardio (Matos *et al.*, 2010, 2011, 2012). A estatística relembra-nos, no entanto, que, embora a percentagem de maternidade na adolescência tenha tendencialmente vindo a diminuir, o seu valor ainda é bastante elevado (Saavedra, Magalhães, Soares, Ferreira, & Leitão, 2007). Passámos de 5% de natalidade na adolescência, de entre um total de 109399 nados vivos, em 2005, para 3.8%, de entre 96856, em 2011 (INE, 2012). Ainda assim, Portugal mantém uma taxa de maternidade adolescente acima da média europeia (Ferreira, 2010; Saavedra et al., 2010), o que é revelador da importância de prevenir o aparecimento de comportamentos de risco. Ainda assim, a implementação da educação sexual nas escolas portuguesas, no âmbito da educação para a saúde, tem sido muito reduzida (Saavedra et al., 2010). A título de exemplo, após a implementação de um programa de educação sexual, Kirby e colaboradores (1979, cit. por Anastácio, 2010) verificaram um aumento do conhecimento dos estudantes sobre sexualidade, maior tolerância aos comportamentos sexuais dos outros, aumento de utilização de métodos contraceptivos eficazes,

consequente diminuição da taxa de gravidez indesejada e diminuição de relações sexuais entre jovens.

Os adolescentes, de um modo geral, apresentam-se como um grupo de maior risco, devido ao fato de se envolverem em relações sexuais esporádicas e não planeadas e, conseqüentemente, não utilizam contraceção de um modo consistente (Kirby, 2003). Se os mesmos estão mais focados nos benefícios do risco do que no risco em si, terão maior probabilidade de incorrer em comportamentos de risco (Aboim, 2010). Este risco apresenta-se como maior no caso do sexo masculino, devido ao seu mais elevado número de parceiros sexuais (Monteiro & Vasconcelos-Raposo, 2005, cit. por Saavedra et al., 2010), que poderá ter origem no ainda presente duplo padrão sexual (Rodrigues & Vilaça, 2011; Saavedra et al., 2010). O duplo padrão diz respeito à diferenciação que a sociedade faz de ambos os sexos, no que respeita à aceitação/não aceitação dos seus comportamentos (Baldwin & Baldwin, 2004). Ross, Godeau, e Dias (2004) afirmam, mesmo, que Portugal é um dos países onde mais se verifica esta assimetria.

No que respeita ao papel dos pais, Brofenbrenner, através do seu modelo ecológico, defendia que os pais são os adultos que se encontram dentro do microsistema dos jovens. Assim, encontram-se numa posição privilegiada para os ajudar na construção da sua identidade, visto que a mesma se desenvolve através da comunicação com os adultos do seu contexto social e cultural (Flanagan, 2011). Fisher (1990, como citado por Somers & Vollmar, 2006) e Somers e Paulson (2000, como citado por Somers & Vollmar, 2006) acrescentam que maior comunicação pais-filhos está relacionada com maior comunicação sexual.

A prevenção de comportamentos de risco, de um modo geral, deve ser feita através da identificação das necessidades dos jovens e seus educadores e da promoção de competências pessoais e sociais em ambos os grupos (Carvalho & Figueiredo, 2011;

Ramiro, Reis, Matos, Diniz & Simões, 2011; Anastácio, 2010), incluindo nestes a população portadora de deficiência, que ainda hoje, por muitos é considerada assexuada (Maia, 2006; Mahoney, 1983). A prevenção deverá ter lugar o mais cedo possível, uma vez que a adoção de comportamentos de risco aumenta com o avançar da idade (Kirby, 2003; Matos, 2009). No entanto, a educação sexual deve ir além da mera passagem de informação, se quisermos que seja realmente efectiva (Almeida & Centa, 2009; Fisher & Fisher, 2002) e ser associada à prevenção de outros comportamentos, nomeadamente do consumo de substâncias, como o álcool e as drogas, uma vez que, além dos malefícios do próprio consumo, este está relacionado com os comportamentos sexuais de risco. Tal deve-se à tendência que o consumidor manifesta em correr riscos e, também, por estas substâncias diminuírem a sua capacidade de tomada de decisão (Kirby, 2003).

A perspectiva dos jovens sobre a educação sexual

No estudo de Dias e Rodrigues (2009), com alunos entre os 14 e os 16 anos de uma escola de Angra do Heroísmo, 85.3% dos jovens participantes considerou a educação sexual recebida como sendo importante ou muito importante. Destes, 94% afirmou que a educação sexual ajudava a diminuir os comportamentos de risco, 85% que ajudava a esclarecer dúvidas que os jovens podem ter sobre a sexualidade e 78% defendeu que esta ajuda a viver a sexualidade de forma plena. São os próprios jovens quem manifesta interesse no tema da sexualidade e ambiciona aprender mais sobre este tema, mesmo tendo educação sexual nas escolas (Álvarez, 2004), pelo que se torna imperativo perceber se tal se verifica actualmente em Portugal.

Nos estudos de Byers e colaboradores (2003a; 2003b), 93% dos alunos do ensino básico e 92% dos estudantes do ensino secundário consideraram ser importante

ter educação sexual através da escola. Sendo que 69% destes e 77% dos estudantes do ensino secundário (Byers et al., 2003a) acrescentaram que esta devia ser uma responsabilidade partilhada entre os pais e professores. Ideia esta que é, também, partilhada pelos pais (Quintal, 2012; Weaver, Byers, Sears, Cohen, & Randall, 2002) e pelos próprio professores (Alvarez & Marques Pinto, 2012; Cohen, Byers, Sears, & Weaver, 2001), o que nos faria antecipar que a educação neste âmbito estivesse, não só a ser fornecida aos alunos, quanto que o fosse por diferentes agentes educativos. No entanto, os alunos afirmavam em 2003 que esta não estava a ser satisfatória (Byers et al., 2003b), quando existente. Os jovens consideraram que o conteúdo e a natureza da educação sexual recebida não era coincidente com as suas experiências e preocupações (Kirby e colaboradores, 1994, como citado por Sieg, 2003). Estes afirmaram que o currículo da educação sexual, ao invés de preceder as suas experiências neste domínio, limitava-se a acompanhá-las (Byers et al., 2003a).

Correia (2008), concluiu no seu estudo que 96.7% dos adolescentes portugueses sentia necessidade que existissem estruturas de apoio à sexualidade e a grande maioria (87.6%) declarou que a escola seria o local privilegiado para os ajudar nas questões relativas a este tema, o que vem ao encontro dos resultados encontrados por Byers e colaboradores (2003a) e do defendido por Parreira (2005/2006). No entanto, ao contrário da proposta do governo português, Correia (2008) refere 71.5% dos jovens da sua amostra preferiam que este tema fosse abordado numa disciplina autónoma.

Quanto aos intervenientes na educação sexual dos jovens, não existe unanimidade nos estudos realizados. A título de exemplo, para os participantes do estudo de Dias e Rodrigues (2009), o grupo de pares assume o papel mais importante na sua educação sexual, seguindo-se a mãe, os profissionais de saúde e os professores. Também Ramiro *et al.* (2011) refere que os jovens preferem falar com amigos e

colegas, preterindo pais e professores por não se sentirem confortáveis para falar com estes.

A educação sexual e a legislação portuguesa

A educação sexual é contemplada na legislação portuguesa desde 1984 (Lei 3/84). Mais tarde, esta tornou-se obrigatória no sistema de ensino português.

Em Agosto de 2009 foi publicada, em Diário da República, a Lei n.º60/2009, de 6 de Agosto. Esta apresenta de forma mais detalhada, que na Lei n.º 120/99, as finalidades da educação sexual, integrando-a na área da educação para a saúde, e acrescenta que a educação sexual deverá ser lecionada nas áreas curriculares não disciplinares, no caso do ensino básico, e tanto nas áreas curriculares disciplinares como não disciplinares, no caso do ensino secundário, mantendo a educação sexual como transdisciplinar. A mesma reforça, na sua aplicação prática, que os indivíduos devem ter acesso à educação sexual antes de se envolverem em comportamentos sexuais, tal como defendido por diferentes autores (e.g. Mueller et al., 2008, como citado por Marinho & Anastácio 2011; Saavedra et al., 2010). Tendo em conta que o assédio, nas escolas, tem o seu pico durante o ensino primário e entre os 11 e os 14 anos (Caing, in preparation, como citado por Meyer, s.d.) e que será no período da adolescência que os indivíduos, portadores de deficiência ou não, irão desenvolver interesse por relacionamentos afetivo-sexuais (Maia, 2006), a educação sexual deverá ser iniciada antes deste período. Rivara e Grossman (1996) afirmam, também, que os comportamentos de risco, como as relações sexuais desprotegidas, surgem cedo no período da adolescência e tal ocorre, muitas vezes, porque os jovens estão mais focados nos benefícios do próprio risco do que na consequência negativa advinda do mesmo (Kirby, 2003; Alvarez, 2005), uma vez que o benefício, por norma, é mais rápido a ocorrer (Rapsey, & Murachver, 2006).

A implementação da Lei n.º60/2009 inicia-se, assim, em todos os estabelecimentos de ensino, no início do ano letivo 2009/2010, sendo que o acompanhamento e a monitorização das atividades realizadas neste âmbito é conduzido pelo núcleo de Educação para a Saúde, do Ministério da Educação (Rodrigues et al., 2008).

Mais tarde, no ano 2010, é divulgada a Portaria n.º196-A/2010 de 9 de Abril. Esta pretende regulamentar a Lei n.º60/2009 e apresenta os conteúdos a serem lecionados ao longo dos diferentes ciclos de escolaridade. Assim, no 1ºciclo os alunos deverão conhecer o seu corpo, diferenciando rapazes de raparigas, colocando-o em harmonia com o ambiente envolvente e aprendendo a protegê-lo de práticas abusivas – este ponto é especialmente reforçado nos 3º e 4ºanos –, bem como familiarizar-se com a noção de diferentes tipos de família. Logo a partir do 1ºciclo, o professor deverá responder de forma clara às questões colocadas pelos alunos, apresentando-se como uma figura de referência para os mesmos (Rodrigues et al., 2008). No 2ºciclo deverão ser abordadas as transformações corporais, introduzindo o tema da menstruação, do ciclo ovulatório e dos carateres sexuais secundários, referindo, também, a reprodução humana, o crescimento – introduzindo o tema da puberdade no seu todo – os métodos contraceptivos e a importância do planeamento familiar. Introduce-se, nesta fase, a questão da normalidade, da diversidade e do respeito, bem como o género e a dimensão ética da sexualidade e é, ainda, realizado um reforço da prevenção de maus tratos e práticas sexuais abusivas. No 3º ciclo retoma-se a dimensão ética da sexualidade, a reprodução humana e todos os processos físicos associados, a prevenção de maus tratos e abusos sexuais, bem como o tema dos métodos contraceptivos, acrescentando-se informação acerca dos efeitos secundários dos mesmos. Acrescenta-se, também, informação acerca da epidemiologia das principais ISTs – em Portugal e no resto do

mundo – bem como acerca das taxas de maternidade, paternidade e interrupções voluntárias da gravidez na adolescência. Coloca-se, ainda, a questão da sexualidade no contexto de um projeto de vida que integre valores, explorando a noção de parentalidade no quadro de uma saúde sexual e reprodutiva saudável e responsável. Já no ensino secundário, é indicado que devem ser lembrados os temas abordados anteriormente, ao longo dos diferentes ciclos, dando especial ênfase a momentos de reflexão acerca das atitudes e comportamentos dos adolescentes da atualidade, acompanhando esta de dados estatísticos acerca de Portugal e do mundo.

O modelo de intervenção e os temas propostos, para a educação sexual, pela legislação portuguesa, têm tido em consideração o desenvolvimento do indivíduo (Carvalho & Figueiredo, 2011), o que vai a encontro do proposto pela Organização Mundial da Saúde (2010).

Importância do presente estudo

Os jovens manifestam interesse em saber mais sobre sexualidade. Segundo Álvarez (2004), por vezes há temas que não são lecionados neste domínio, devido ao fato de os adultos os considerarem como menos importantes ou como não correspondendo aos interesses dos jovens. Consideramos ser necessário perceber quais as necessidades sentidas pelos jovens no âmbito da sua educação sexual, para que possamos ir ao encontro das mesmas (Almeida & Centa, 2009). E a necessidade de tomar em consideração a perspectiva dos jovens decorre da importância atribuída a um modelo de aprendizagem-ensino ao invés de um modelo de ensino-aprendizagem (Rodrigues et al., 2008), o qual procura perceber o que vai ao encontro dos interesses dos alunos e como preferem aprender e, deste modo, ouvir a opinião da população a quem a intervenção é dirigida (Saavedra et al., 2010).

O presente estudo centra-se nos alunos que frequentam o 3ºCiclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário de diversas escolas portuguesas. Tal como referido anteriormente, a adolescência é uma fase de grande desenvolvimento em diferentes áreas (Papalia et al., 2001; Rapsey & Murachver, 2006). Assim, considerou-se importante incluir, na amostra, jovens de diferentes níveis de escolaridade, permitindo uma maior riqueza e fiabilidade dos dados recolhidos.

Com este estudo pretende-se explorar a perspetiva dos jovens portugueses acerca da educação sexual. Assim, queremos (1) caraterizar a educação sexual recebida através da escola e dos pais, (2) perceber quais as atitudes que os alunos têm face à educação sexual, (3) qual a importância que atribuem a diferentes tópicos neste domínio e (4) o nível de escolaridade preferido, pelos mesmos, para a sua aprendizagem. Para tal, colocaram-se as seguintes questões de investigação para estudar a relação entre as variáveis sexo, ano de escolaridade, perceção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos professores, perceção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos pais e de já terem ocorrido relações sexuais e:

QI.1 A importância atribuída à educação sexual dever ser disponibiliza na escola;

QI.2 A atitude relativa à partilha de responsabilidade, de disponibilizar a educação sexual, entre escola e pais;

QI.3 A perspetiva acerca do ano de iniciação da educação sexual;

QI.4 Importância percebida da abordagem de diferentes tópicos de educação sexual, na escola;

QI.5 A perceção da qualidade com que foram abordados tópicos de educação sexual pelos professores;

Pretende-se, ainda:

QI.6 Verificar se existe uma relação entre a importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola e a perceção da qualidade da abordagem dos mesmos;

QI.7 Predizer a perceção qualidade da educação sexual recebida na escola;

QI.8 Predizer a perceção da qualidade da educação sexual recebida em casa.

Espera-se que os resultados deste estudo contribuam para o conhecimento da realidade vivida pelos nossos jovens, após a introdução da obrigatoriedade da educação sexual nas escolas portuguesas, bem como para o desenvolvimento de intervenções, numa perspetiva quer preventiva quer promocional, que irão ao encontro das suas necessidades e interesses, tornando-as mais eficazes.

Capítulo II – Método

Participantes

Neste estudo participaram 671 alunos do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário de 12 escolas públicas e 4 privadas de Portugal Continental e Ilhas. Dos participantes que preencheram o questionário, 250 são rapazes e 340 raparigas.

Instrumento

A recolha foi realizada através de um questionário de autorrelato, resultante de uma adaptação do original desenvolvido por Byers e colaboradores (2003), da Universidade de New Brunswick, no Canadá. A utilização e adaptação do instrumento foram previamente autorizadas pelas autoras.

O questionário foi traduzido e adaptado para português, tendo por base a tradução e adaptação realizadas para as versões para professores (Alvarez & Marques Pinto, 2012) e para pais (Quintal, 2012) do mesmo questionário. Este foi composto por 7 blocos de perguntas, com um total de 32 questões fechadas, respondidas através de escalas tipo *Likert* e uma questão de resposta aberta.

No início do questionário apresentou-se o estudo, de forma breve, e solicitou-se a colaboração voluntária dos alunos. Estes eram, ainda, informados de que o questionário era anónimo, que o sítio não registava o IP (endereço de internet) do participante e que poderiam desistir a qualquer momento do preenchimento do questionário. Era, também, disponibilizado um endereço de e-mail, onde os jovens poderiam colocar quaisquer dúvidas advindas do preenchimento do questionário. Em seguida, foi solicitado aos participantes que escrevessem o código de acesso ao mesmo

que lhes tinha sido entregue previamente, pelo(a) diretor(a) de turma. Por fim, foram apresentados os 7 blocos de perguntas.

O primeiro bloco foi composto por 5 perguntas fechadas, que remeteram para a opinião geral que o participante tinha da educação sexual: se esta devia ser disponibilizada na escola [de *concordo muito* (5) a *discordo muito* (1)]; se devia ser uma responsabilidade partilhada entre pais e professores [de *concordo muito* (5) a *discordo muito* (1)]; em que ano deveria ser iniciada [opções desde a *infantil* até ao *12º ano*]; qual a classificação dada à educação sexual recebida na escola [de *excelente* (5) a *má* (1), contendo a opção *não recebi qualquer educação sexual*] e se esta cobriu os tópicos que mais interessam ao aluno em questão [de *concordo muito* (5) a *discordo muito* (1), havendo a opção *não recebi qualquer educação sexual*].

O segundo bloco remeteu para a importância atribuída à abordagem de um conjunto de 13 tópicos no âmbito da educação sexual [opções variando entre *nada importante* (1) a *extremamente importante* (5)]. Os tópicos variaram entre os aspetos mais biológicos (e.g. nome correto para falar sobre os órgãos genitais) e aspetos do foro emocional (e.g. aspetos emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos), passando pelos riscos associados à vivência da sexualidade (e.g. contração de IST's) e aspetos positivos da mesma (e.g. prazer e satisfação sexual).

O terceiro bloco referiu-se exclusivamente ao contexto escolar e foi composto por 2 questões de resposta fechada e 1 de resposta aberta. A primeira solicitou, numa escala intervalar, a indicação do ano em que o aluno teve educação sexual pela última vez [desde a *infantil-4º ano* a *10º-12º ano*, tendo como opção *não tive qualquer educação sexual*] e a segunda referiu-se à qualidade da abordagem imprimida pelos

professores, aos 13 tópicos propostos, que foram os apresentados no bloco anterior [de *nunca foi abordado* (1) a *muito bem abordado* (5)].

O quarto bloco disse respeito à forma como a educação sexual foi ensinada pelo(a) professor(a) e foi composto por 7 questões de resposta fechada. Inicialmente foi pedido ao participante que indicasse o quão confortável considerava estar o(a) professor(a) relativamente aos tópicos discutidos [de *muito confortável* (5) a *nada confortável* (1), havendo a opção *não tive qualquer educação sexual*], seguindo-se a frequência com que os estudantes foram encorajados a colocar questões sobre sexualidade [de *muitas vezes* (5) a *nunca* (1)] e o quão bem estas foram respondidas [de *excelentemente* (5) a *pobremente* (1)]. Em seguida, os alunos referiram como tinham sido as suas aulas de educação sexual e como preferiam que fossem, no que concerne à composição da turma: só rapazes, só raparigas ou mista. Por fim, foi apresentado um total de 8 métodos possíveis de lecionar este domínio e foi pedido aos alunos que indicassem que métodos o(a) seu mais recente professor(a) utilizou (resposta do tipo sim/não) e quais acreditavam ser os mais úteis para que aprendessem ou se mantivessem interessados nos tópicos abordados pelo(a) docente [as opções eram *não ajudaria nada* (1), *ajudaria* (2) e *ajudaria muito* (3)].

O quinto bloco considerava a opinião do aluno acerca do nível de escolaridade que lhe parecia mais indicado para abordar cada um dos 30 temas propostos. Os níveis de escolaridade variaram entre o infantil e ensino secundário, contendo, ainda, a opção *de este tópico não deve ser incluído*.

O sexto bloco remeteu para a educação sexual recebida em casa e foi composto por 6 perguntas de resposta fechada. As primeiras três questões referiram-se ao desempenho dos pais/substitutos na educação sexual do filho. A primeira destas pedia

que indicassem como consideravam que os seus pais/substitutos se tinham saído ao discutir este domínio com eles [opções de *excelentemente* (5) a *pobremente* (1), tendo a opção *não tive qualquer educação sexual*]. A segunda referia-se à frequência com que foram encorajados a colocar questões [de *muitas vezes* (5) a *nunca* (1), contento a opção *não tive qualquer educação sexual*]. Na terceira questão referia -se gostavam que os seus pais/substitutos tivessem falado mais consigo acerca da sexualidade [de *concordo muito* (1) a *discordo muito* (5)]. Já a quarta questão remeteu para o interesse dos alunos em saber mais acerca da sexualidade e saúde mental [de *concordo muito* (5) a *discordo muito* (1)]. As três restantes perguntas referiam-se à vivência de uma relação de namoro do(a) jovem (presença/ausência), à sua extensão no tempo [de *menos de uma semana* (1) a *mais de dois meses* (5)] e há existência de uma primeira relação sexual.

No sétimo e último bloco foram solicitados dados demográficos do aluno e alguns dados gerais sobre a sua família, num total de 10 questões fechadas.

No final do questionário foram disponibilizados *links* para sítios da internet, bem como linhas de atendimento telefónico, junto dos quais os jovens poderiam recolher mais informações acerca do tema em estudo.

Procedimento

Uma vez a recolha da amostra ter envolvido a colaboração de diversas instituições de ensino, e considerando que esta era composta por participantes menores de idade, o questionário foi submetido à Direção Geral de Educação (Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar). Este foi deferido e, a propósito deste deferimento, pedido que os resultados do estudo viessem a ser disponibilizados à entidade referida. Foi igualmente submetido o *requerimento de aprovação de projeto de investigação* à

Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, tendo este sido igualmente aprovado.

Em seguida, foi enviada uma carta de apresentação do estudo a todas as escolas do país, tendo os seus contactos sido recolhidos através do sítio <http://roteiro.min-edu.pt/>, no caso de Portugal continental, do sítio <http://escolas.madeira-edu.pt/>, no caso do Arquipélago da Madeira e do sítio www.lerportugues.net, no referente ao Arquipélago dos Açores. O contacto com as instituições foi realizado via correio eletrónico e, em anexo, associaram-se a carta de apresentação do estudo, o modelo de consentimento informado a ser entregue aos pais e o questionário a ser preenchido pelos alunos. As escolas foram informadas de que o preenchimento do questionário seria realizado *online*, através da plataforma <http://freeonlinesurveys.com/>. Às escolas que autorizaram a participação no estudo por parte dos seus alunos, foram enviados, em papel, os consentimentos informados aos pais por correio-postal. Aos alunos autorizados pelos pais a participar no estudo, os diretores de turma entregaram um código, que os alunos tiveram de colocar no início do questionário, bem como o *link* de acesso ao mesmo. Os alunos voluntários preencheram o questionário num local à sua escolha, com acesso à internet, com exceção de uma escola, na qual, por sugestão da própria, os alunos de 9º ano o preencheram durante uma aula de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

De forma a averiguar a adequação da tradução do questionário às faixas etárias estudadas, foi desenvolvido um estudo-piloto, envolvendo uma turma de 19 alunos do 7º ano de escolaridade. Foi escolhida uma turma de 7º ano, visto estes estudantes representarem a faixa etária mais jovem a quem o questionário era dirigido. Neste, foi pedido aos alunos que preenchessem o questionário, numa sala com acesso a computadores e internet, e, em seguida, que se pronunciassem sobre a clareza dos itens

e se tinham alguma sugestão de alteração a fazer. Na sequência do estudo piloto não se verificou qualquer necessidade de alteração dos itens, quer no seu conteúdo quer na ordem apresentada. O preenchimento do questionário, para a maioria dos participantes, teve uma duração de 15 a 20 minutos.

Posteriormente, foi colocado o questionário na plataforma acima mencionada, tendo os dados sido recolhidos entre os meses de Janeiro e Maio de 2013.

Procedimentos de análise

Para esta investigação foram utilizados métodos de análise quantitativa e o *software* estatístico SPSS 21, de forma a proceder à análise de dados.

Utilizaram-se frequências, médias e medianas para a caracterização da amostra e descrição das respostas dos alunos no que respeita às atitudes face à educação sexual, à importância atribuída a tópicos de educação sexual, ao nível de escolaridade preferencial à abordagem de tópicos de educação sexual e para caracterizar a educação sexual recebida em casa e na escola.

Foi realizada uma análise factorial exploratória (AFE), pelo método de análise de componentes principais, para a emergência das variáveis *percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos pais* e *percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos professores*. A consistência interna dos factores foi estimada através do alfa de Cronbach.

Foi realizada uma correlação de Pearson entre a importância atribuída e a qualidade com que foram abordados, na escola, tópicos de educação sexual.

Análises de variância (ANOVAs) foram realizadas para a relação entre o sexo, o ano de escolaridade, o já ter tido relações sexuais, a percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos pais, a percepção da qualidade da educação sexual

disponibilizada pelos professores e as atitudes face à educação sexual, a importância de tópicos de educação sexual e a percepção da qualidade da abordagem de tópicos de educação sexual.

Realizaram-se regressões lineares múltiplas para predizer a percepção da qualidade da educação sexual recebida na escola e a percepção da qualidade da educação sexual recebida em casa. Para tal, introduziram-se as variáveis sexo, ano de escolaridade, o já ter tido relações sexuais, a importância de tópicos de educação sexual, a educação sexual ter coberto os tópicos de interesse e o gostar de saber mais sobre sexualidade e saúde sexual em três etapas.

Apenas 2 alunos afirmaram ser portadores de algum tipo de deficiência física, pelo que não é significativo para a análise de dados.

Capítulo III – Resultados

Caraterização da amostra

Dos 671 participantes que preencheram os dados sociodemográficos, 57,4% era do sexo feminino e os restantes do sexo masculino, 467 frequentavam o 3ºciclo do ensino básico e 130 o ensino secundário, havendo 52.1% de alunos do 9º ano.

Quanto ao local de residência, a maioria dos participantes (46.8%) residia no norte do país, seguido de 23.9% que residia na zona centro e de 13.3% que vivia nas ilhas. Com menor expressão apresentaram-se os alunos do sul e litoral, com 8.2% e 2.7%, de respostas, respectivamente. A maioria dos participantes (46.1%) vivia numa cidade, 28.8% numa vila ou 15.1% numa aldeia.

O agregado familiar de 66.3% dos alunos integrava ambos os pais. 14.% vivia apenas com a mãe, 4.5% vivia períodos de tempo idênticos com a mãe e com o pai e apenas 2.1% vivia somente com o pai. Apenas 9 alunos afirmaram que viviam com alguém que não os pais (e.g. familiar, amigo), 6 alunos disseram viver sozinhos e 1 único aluno residia com pais de acolhimento.

A maior parte dos pais dos alunos inquiridos, tinha, como habilitações literárias o ensino básico completo. No caso, 32.8% das mães e 28.8% dos pais. O ensino secundário mostrou-se completo para 22.4% das mães e 23.1% dos pais. Cerca 21% das mães e 21.8% dos pais terminaram o ensino superior. Com uma menor expressão apresentaram-se o ensino técnico-profissional, que abrangia 3.7% das mães e 6% dos pais. Cerca de 10% dos alunos não sabia qual o nível de escolaridade dos pais.

A maioria dos alunos da amostra (70.5%) já tinha tido uma relação de namoro, 40.1% esteve numa relação mais de 2 meses e 22.5% teve pelo menos uma relação sexual.

Percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelo professor e pelos pais

Com vista a criar uma variável relacionada com a percepção de qualidade da ES disponibilizada pelo professor, foi realizada uma análise factorial exploratória (AFE), pelo método de análise de componentes principais, a três itens relativos à percepção do grau de conforto do professor com os tópicos discutidos, a frequência com que o professor encorajou os estudantes a colocarem questões sobre sexualidade e quão bem respondeu às questões colocadas pelos alunos. Esta revelou um KMO de 0.691, o que demonstrou a existência de uma correlação suficiente inter-itens para a realização da AFE. A análise dos *eigenvalues* superiores a 1 revelou uma estrutura fatorial que explicou 71.33% da variabilidade dos itens, com comunalidades superiores a 0.67. A análise pelo método das componentes principais permitiu extrair um factor, cujos itens revelaram pesos factoriais superiores a 0.5, designado por *percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos professores* (alfa de Cronbach =.79).

Foi, também, realizada uma análise factorial exploratória, pelo método de análise de componentes principais, a dois itens relativos à percepção sobre a forma como os pais/substitutos se saíram a discutir educação sexual com o jovem e a frequência com que estes os encorajaram a colocar questões acerca da sexualidade. Esta revelou um KMO de 0.5, o que demonstrou a existência de uma correlação aceitável inter-itens para a condução da AFE. A análise dos *eigenvalues* superiores a 1 revelou

uma estrutura fatorial que explicou 80.11% da variabilidade dos itens, com comunalidades superiores a 0.8. A análise pelo método das componentes principais permitiu extrair um factor, cujos itens revelaram pesos factoriais superiores a 0.5, e criar a variável relacionada com a *percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos pais* (alfa de Cronbach =.75).

Atitudes face à educação sexual

A maioria dos alunos concordou ou concordou muito que a educação sexual devia ser disponibilizada nas escolas (89%, $M = 4.37$, $SD = .713$), que devia ser uma responsabilidade partilhada entre pais e professores (77.8%, $M = 4.01$, $SD = .870$) e que deveria ser iniciada entre o 6º e o 8º ano de escolaridade (51.3%, $M = 3.10$, $SD = .813$). Com menor expressão, 6.1% considera que se devia iniciar entre a infantil (pré-escolar) e o 3º ano.

Foi realizada uma Análise de Variância (ANOVA) para o papel do sexo, do ano de escolaridade, da percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos professores e pelos pais e de já terem ocorrido relações sexuais para cada uma das três atitudes acima descritas. A mesma revelou a variável sexo, $F(1.452) = 5.39$, $p < .05$, $\eta_p^2 = .012$, a percepção de qualidade da educação sexual disponibilizada pelos professores, $F(15.452) = 0.71$, $p = .001$, $\eta_p^2 = .082$ e pelos pais, $F(8.452) = 3.70$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .061$ como significativas para a importância atribuída à educação sexual dever ser disponibilizada na escola. Os rapazes revelaram uma atitude mais positiva, ($M_{\text{rapaz}} = 4.46$; $M_{\text{raparigas}} = 4.30$), quanto maior a percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pela escola ($M_{<\text{qualidadeescola}} = 4.37$; $M_{>\text{qualidadeescola}} = 4.55$) e a percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos pais, mais atitudes positivas face

à educação sexual ser disponibilizada na escola ($M_{<\text{qualidade pais}} = 4.31$; $M_{>\text{qualidade pais}} = 4.86$) tiveram os jovens. A análise revelou como significativos para a atitude de responsabilidade partilhada entre escola e pais, o ano de escolaridade, $F(5, 452) = 3.23$, $p < .01$, $\eta_p^2 = .035$ e a percepção de qualidade da educação sexual disponibilizada pelos pais, $F(8, 452) = 3.01$, $p < .01$, $\eta_p^2 = .051$. Mais concretamente, os jovens do 9º ano distinguiram-se dos seus colegas mais novos do 7º ano por terem uma atitude menos positiva relativamente a esta partilha ($M_{9^\circ} = 3.92$; $M_{7^\circ} = 4.48$). Já quem percepcionou a qualidade da educação sexual recebida em casa como menor teve uma atitude menos positiva face à partilha da educação sexual entre escola e pais ($M_{<\text{qualidade}} = 4.02$; $M_{>\text{qualidade}} = 4.71$). Para a iniciação da educação sexual apenas o sexo se revelou como significativo $F(1, 452) = 3.82$; $p < .05$; $\eta_p^2 = .008$. Mais concretamente, os rapazes distinguiram-se das raparigas por preferirem a iniciação precoce da educação sexual ($M_{\text{rapazes}} = 3.00$; $M_{\text{raparigas}} = 3.16$).

Importância atribuída a tópicos de educação sexual

No quadro abaixo são apresentadas a média e mediana correspondentes à importância percebida, pelos participantes, para um conjunto de tópicos de educação sexual. Todos os tópicos foram considerados como sendo importantes. O tópico percecionado como menos importante foi o da abstinência.

Quadro 1 – Média e mediana da importância atribuída aos tópicos a serem abordados em educação sexual na escola (por ordem decrescente)

Tópicos	Média	Mediana
Infecções sexualmente transmissíveis (e.g. SIDA, Herpes)	4.35	4
Contraceção e as práticas sexuais seguras	4.27	4

Abuso sexual e a prevenção de aproximações abusivas (sentir-se sexualmente pressionado ou forçado)	3.95	4
Reprodução	3.87	4
Puberdade	3.78	4
Tomada de decisão num relacionamento (e.g. na decisão do quão longe queres ir)	3.77	4
Aspetos emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos	3.68	4
Prazer e satisfação sexual	3.60	4
Vocabulário correto para falar sobre práticas sexuais	3.40	4
Género e a diversidade	3.38	4
Vocabulário correto para falar sobre os órgãos genitais e práticas sexuais	3.31	4
Vários tipos de família	3.22	4
Abstinência (não ter relações sexuais)	2.54	4

Escala utilizada: 1 nada importante, 2 algo importante, 3 importante, 4 muito importante e 5 extremamente importante (N entre 650 e 651).

A Análise de Variância (ANOVA) realizada para o papel do sexo, do ano de escolaridade, da perceção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos professores e pelos pais e de já terem ocorrido relações sexuais na importância percebida da abordagem de tópicos de educação sexual na escola, mostrou a variável perceção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos pais $F(8.452) = 3.89$; $p < .001$; $\eta_p^2 = .064$) como significativa. Quanto maior a percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos pais ($M_{<qualidadepais} = 3.58$; $M_{>qualidadepais} = 4.17$), maior é a importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola.

Caraterização da educação sexual recebida na escola

Dos inquiridos, 22.8% afirmou não ter recebido qualquer educação sexual na escola. Dos que receberam, 62% afirmou que a última vez que tal ocorreu foi entre o 7º e o 12º ano, 13.9% entre o 5º e o 6º ano e apenas 1.9% até ao 4º ano de escolaridade. A educação sexual recebida na escola foi abordada em turmas mistas (69.3%, $M = 2.17$, $SD = .434$), o que vai ao encontro da sua preferência (49.8%, $M = 2.16$, $SD = .641$). Na perspectiva dos alunos, a qualidade da ES recebida tem sido boa ou muito boa (36.3%, $M = 2.64$, $SD = 1.074$) e, para alguns, cobriu os tópicos de seu maior interesse (38.9%, $M = 3.34$, $SD = .940$). Quanto à perceção do desempenho docente, 43.4% ($M = 3.69$, $SD = 1.04$) dos alunos considerou que estes estavam bastante confortáveis ou muito confortáveis com os tópicos discutidos em aula. Uma apreciação menos positiva é feita por 8.1% dos inquiridos, que considerou os docentes como pouco ou nada confortáveis. Cerca de 33% dos inquiridos afirmou terem sido encorajados a colocar questões sobre sexualidade, por parte dos professores, com regularidade ou muitas vezes ($M = 3.26$, $SD = 1.16$). A qualidade da resposta dada pelos professores, às questões colocadas foi apreciada como muito boa ou excelente por 37.1% dos alunos da amostra ($M = 3.36$, $SD = 1.11$).

Foi encontrada uma correlação elevada entre a importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola e a perceção qualidade da abordagem dos mesmos ($r = .24$, $N = 625$, $p < .001$).

A Análise de Variância (ANOVA) realizada para o papel do sexo, do ano de escolaridade, da perceção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos professores e pelos pais e de já terem ocorrido relações sexuais, na perceção da qualidade com que foram abordados tópicos de educação sexual pelos professores revelou a perceção de qualidade da educação sexual disponibilizada pelos professores

$F(15.452) = 5.60$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .157$ como significativa para a percepção da qualidade com que foram abordados tópicos de educação sexual pelos professores. Quanto maior a percepção da qualidade da educação sexual disponibilizada pela escola ($M_{<qualidadeescola} = 2.83$; $M_{>qualidadeescola} = 3.49$), maior a percepção da qualidade com que foram abordados tópicos de educação sexual, pelos professores.

Foi realizada uma regressão linear múltipla, para predizer a qualidade da educação sexual recebida na escola (ver quadro 2).

Quadro 2. Regressão linear múltipla para a qualidade da educação sexual recebida na escola

Variável Dependente	Passo	Variáveis introduzidas	β (Step 1)	β (Step 2)	β (Step 3)
Qualidade da educação sexual recebida na escola	1	Sexo	-.046		
		Ano de escolaridade	-.036		
		Já teve relações sexuais	.004		
	2	Sexo		-.042	
		Ano de escolaridade		-.037	
		Já teve relações sexuais		.004	
		Importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola		.079	
	3	Sexo			-.067
		Ano de escolaridade			-.010
		Já teve relações sexuais			-.001
		Importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola			.036
		A educação sexual recebida na escola cobriu os tópicos de interesse			.352**
		Gostava de saber mais acerca de sexualidade e saúde sexual			.100*
		R^2	.004	.010	.147

	F	.553	2.804	35.821**
--	---	------	-------	----------

* $p < .05$; ** $p < .001$

As variáveis sociodemográficas e a importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola não se revelaram significativas na predição da percepção da qualidade da educação sexual recebida na escola. Como significativo, revelou-se o interesse. Os alunos cujos tópicos de interesse foram abordados na educação sexual ($\beta = .352$, $t(446) = 7.972$, $p < .001$) e que gostavam de saber mais sobre este tema ($\beta = .100$, $t(446) = 2.182$, $p < .05$), perceberam a qualidade da educação sexual, recebida na escola, como mais elevada.

Nível de escolaridade preferido para a aprendizagem dos tópicos

No quadro 3 são apresentados 30 tópicos de educação sexual. Estes estão organizados de acordo com as medianas dos anos de escolaridade em que deverá iniciar-se a sua abordagem, segundo os participantes do estudo. Para cada tópico, é apresentada a percentagem de respostas correspondente.

Quadro 3 – Mediana e percentagens para o nível de escolaridade em se deve iniciar a abordagem aos tópicos apresentados

Tópicos	Mediana	1-4º	5º-6º	7º-9º	10º-12º	Não deve ser incluído
Vocabulário para órgãos genitais e práticas sexuais	7º-9º	9.7	32.9	41.4	1.8	14.2
Vocabulário para práticas sexuais	7º-9º	4.5	27.1	50.7	3.6	14.2
Imagem corporal	7º-9º	12.2	28.2	41.6	3.6	14.5
Puberdade	7º-9º	5.8	35.0	43.8	1.6	13.7
Sonhos húmidos	7º-9º	4.3	22.4	47.5	5.7	20.1
Menstruação	7º-9º	6.1	35.9	39.9	1.9	16.1
Reprodução e nascimento	7º-9º	10.6	26.2	46.2	3.0	14.0

Contraceção e práticas sexuais seguras	7º-9º	4.0	24.0	54.5	3.6	13.9
Abstinência	7º-9º	6.3	20.0	45.8	5.7	22.4
IST's	7º-9º	6.3	25.8	50.1	3.7	14.2
Gravidez adolescente	7º-9º	5.5	24.1	50.2	5.4	14.8
Abuso sexual e prevenção de práticas abusivas	7º-9º	7.3	26.2	46.8	5.2	14.5
Construção de relações românticas igualitárias	7º-9º	6.9	21.6	49.0	6.9	15.6
Homossexualidade	7º-9º	7.6	22.4	44.0	5.1	21.0
Atração, amor, intimidade	7º-9º	7.5	25.6	46.2	5.8	14.9
Comunicação sobre questões sexuais	7º-9º	6.1	26.8	47.5	4.5	15.1
Sentir-se confortável com o sexo oposto	7º-9º	9.7	25.6	44.3	5.1	15.4
Primeira relação sexual	7º-9º	3.9	15.1	50.2	12.7	18.2
Lidar com a pressão dos pais para ser sexualmente ativo	7º-9º	4.0	17.3	52.3	9.7	16.7
Masturbação	7º-9º	4.9	19.8	47.4	8.2	19.7
Comportamento sexual	7º-9º	4.6	18.6	51.1	9.4	16.2
Sexo como parte da relação amorosa	7º-9º	3.6	15.8	50.8	13.3	16.5
Prazer sexual e orgasmo	7º-9º	4.0	11.3	50.8	15.2	18.6
Problemas e preocupações sexuais	7º-9º	3.7	15.5	53.9	11.3	15.5
Sexualidade nos media	7º-9º	4.6	15.2	50.4	11.3	18.5
Pornografia	7º-9º	5.2	12.5	45.5	13.4	23.4
Prostituição adolescente	7º-9º	4.9	13.9	47.8	12.2	21.2
Tomada de decisão sexual num relacionamento	7º-9º	3.4	17.3	51.6	11.3	16.4
Ligação entre sexualidade e um projeto de vida que integra valores	7º-9º	4.2	16.8	51.3	10.7	17.0
Género e diversidade	7º-9º	7.5	22.4	47.1	5.1	18.0

Nota: a negrito destacam-se as percentagens obtidas para o nível de escolaridade da mediana

Uma visão geral do quadro acima, permite compreender que os alunos mostraram preferência pela leccionação dos tópicos de educação sexual no 3º ciclo do ensino básico. Todos os tópicos foram considerados como sendo do interesse da maioria dos jovens, excepto uma média de 16.8% dos alunos que considerou a existência de tópicos que não deviam ser abordados. A maioria dos inquiridos considerou que a abordagem dos tópicos apresentados devia ocorrer no 3º ciclo do ensino básico.

Caraterização da educação sexual recebida em casa

Cerca de 35% (35.9%, $M = 3.35$, $SD = 1.193$) dos alunos considerou que os pais se saíram muito bem ou excelentemente a discutir educação sexual consigo e 23.4% (23.4%, $M = 2.7$, $SD = 1.29$) concordou que, algumas vezes, estes os encorajaram a fazer perguntas sobre sexualidade. A maioria (52.4%, $M = 2.28$, $SD = 0.89$) não considerou querer saber mais acerca da sexualidade e saúde sexual.

Foi feita uma regressão linear múltipla para predizer a qualidade da educação sexual recebida em casa (ver quadro 4).

Quadro 4. Regressão linear múltipla para a a qualidade da educação sexual recebida em casa

Variável Dependente	Passo	Variáveis introduzidas	β (Step 1)	β (Step 2)	β (Step 3)
Qualidade da educação sexual recebida em casa	1	Sexo	-.136*		
		Ano de escolaridade	-.158**		
		Já teve relações sexuais	-.044		
	2	Sexo		-.129*	
		Ano de escolaridade		-.162**	
		Já teve relações sexuais		-.040	

	3	Importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola	.150**		
		Sexo	-.137**		
		Ano de escolaridade	-.118**		
		Já teve relações sexuais	-.026		
		Importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola	.092*		
		A educação sexual recebida na escola cobriu os tópicos de interesse	.165***		
		Gostava de saber mais acerca de sexualidade e saúde sexual	.235***		
		R ²	.048	.071	.154
		F	7.577**	10.663*	21.682**

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

As variáveis sociodemográficas, a importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola e o interesse revelaram-se significativos para a variação da percepção da qualidade da educação sexual recebida em casa. Os rapazes perceberam como mais elevada a qualidade da educação sexual proveniente dos pais ($\beta = -.137$, $t(443) = -3.08$; $p < .01$) e quanto menor o ano de escolaridade em que os alunos se encontravam, maior foi percebida a qualidade desta educação sexual ($\beta = -.118$, $t(443) = -2.60$; $p < .01$). Os alunos que atribuíram maior importância à abordagem de tópicos de educação sexual ($\beta = .092$, $t(443) = 2.05$; $p < .05$), que viram abordados na escola os tópicos de seu maior interesse ($\beta = .165$, $t(443) = 3.75$; $p < .001$) e que gostavam de saber mais sobre sexualidade e saúde sexual ($\beta = .235$, $t(443) = 5.14$; $p < .001$) também perceberam como mais elevada a qualidade da educação sexual proveniente dos pais.

Capítulo IV – Discussão e Conclusões

A presente investigação teve como objectivo explorar a perspetiva dos jovens portugueses acerca da educação sexual, de uma forma abrangente, e da educação sexual recebida através de pais e professores.

Tendo por base a análise de dados realizada, a maioria dos alunos considera que a educação sexual deve ser disponibilizada na escola e ser uma responsabilidade partilhada entre pais e professores, o que vai ao encontro da perspectiva de alunos internacionais (Byers *et al.*, 2003a, 2003b), dos pais (Quintal, 2012, Weaver *et al.*, 2002) e professores (Alvarez & Marques-Pinto, 2012). Estes dados demonstram que os jovens valorizam o papel do adulto no acompanhamento do seu desenvolvimento, o que poderá estar relacionado com a sua experiência enquanto alvos de educação sexual. Sabemos que, pelo menos, desde a implementação da Lei nº60/2009 a escola tem de disponibilizar educação sexual aos seus alunos. Já Dias e Rodrigues (2009) apuraram que os alunos da sua amostra consideraram a educação sexual por si recebida como importante ou muito importante, o que corrobora a ideia de que os alunos percebem utilidade na educação sexual disponibilizada na escola. Esta perspectiva demonstra a importância da colaboração da escola neste domínio, que também é reconhecida pelos pais do estudo de Almeida e Centa (2009), que referem que é desta que provém a maioria da informação que os seus filhos conhecem. O fato de dever ser uma responsabilidade partilhada com os pais demonstra que estes valorizam, igualmente, a educação sexual recebida em casa. A qualidade desta muitas vezes é influenciada pela própria experiência que os pais tiveram enquanto alvos de educação sexual (Byers *et al.* 2008).

Os alunos que têm uma percepção de maior qualidade da educação sexual recebida em casa e na escola demonstram uma atitude mais positiva no que respeita à educação sexual disponibilizada na escola. Estes alunos demonstram perceber utilidade na educação sexual e que pode ser benéfica quando bem trabalhada. Assim, estes consideram a escola como um local onde este ensino/aprendizagem deve ocorrer, o que corrobora os estudos de Almeida e Centa (2009), de Byers *et al.* (2003a, 2003b) e de Carvalho e Figueiredo (2011). Para estes, a escola é considerada como local privilegiado para a existência de educação sexual. Tal não invalida que esta seja uma responsabilidade partilhada entre a escola e outros elementos da sociedade (e.g. instituições, grupo de pares), tal como vimos acima.

No que respeita à partilha da educação sexual entre escola e pais, encontrou-se uma atitude menos positiva junto dos jovens que percecionaram a educação sexual recebida em casa como de menor qualidade. Neste caso, os alunos aparentam não sentir utilidade em receber uma educação sexual proveniente de adultos percecionados como menos preparados para disponibilizar uma educação sexual de qualidade. Na base da apreciação da qualidade da educação sexual poderá estar o conforto com que os temas são abordados, a disponibilidade para a colocação de perguntas por parte do jovem e a qualidade da resposta dada a essas questões. Estas competências poderão não estar suficientemente desenvolvidas nos pais dos jovens que partilham esta posição e tal poderá estar associado ao fato de eles próprios não terem sido alvos de uma educação sexual rica (Byers *et al.* 2008). Ainda no que respeita à atitude perante esta partilha, os alunos do 9º ano distinguiram-se dos seus colegas do 7º ano, pois tiveram uma atitude menos positiva a este respeito. Assim, esta partilha vai sendo percebida como menos importante com o avançar do ano de escolaridade. Tal poderá dever-se ao fato de os alunos mais velhos se sentirem mais competentes neste domínio, devido à sua maior

experiência (Donahue, Lichtenstein, Langstrom & D’Onofrio, 2013; Dias & Rodrigues, 2009), e, como tal, necessitem menos da orientação de um adulto. Também estes estão numa fase de desenvolvimento em que se aproximam mais do grupo de pares, pelo que estes terão um papel de destaque no apoio a questões ligadas à sexualidade (Dias & Rodriguez, 2009). Podemos ainda colocar a hipótese de que a qualidade da educação sexual não acompanha as suas necessidades, sendo percebida como menos ajustada aos desafios com que se vão confrontando.

Os rapazes foram os que demonstraram uma atitude mais positiva no que respeita à educação sexual ser disponibilizada na escola. Esta atitude poderá dever-se ao fato de os rapazes se sentirem menos apoiados em casa neste domínio, quer porque os pais não se disponibilizam para lhes dar uma educação sexual de qualidade, quer porque estes não se mobilizam no sentido de a requerer. Assim, para estes torna-se mais apelativa a perspectiva de ter educação sexual na escola. Não obstante, as raparigas também têm uma atitude favorável à educação sexual ser disponibilizada na escola. A menor percentagem de respostas mais positivas, da parte destas, poderá estar associada ao fato de estas, ao contrário dos rapazes, se sentirem mais acompanhadas pelos pais neste domínio e desde mais cedo, pelo que se sentem melhor preparadas e têm menos necessidade de realizar novas descobertas nesta área.

Cerca de um terço dos alunos considerou que os pais se saíram muito bem ou excelentemente a discutir educação sexual consigo. Cerca de um quarto concordou que, algumas vezes, estes os encorajaram a fazer perguntas sobre sexualidade. É importante que os pais fomentem nos seus filhos uma atitude crítica e de reflexão (Almeida e Centa, 2009). Também é relevante que esta educação seja realizada tendo em conta o período e maturidade de desenvolvimento do jovem (Carvalho & Figueiredo, 2011; Toleman & McClelland, 2011; Almeida e Centa, 2009) e estes dados revelam-nos que

os pais estão mais sensibilizados para a importância de uma educação sexual adequada, quer pela sua importância no desenvolvimento dos jovens quer pela prevenção de comportamentos de risco. Ao longo do tempo temos visto as raparigas a receber uma educação sexual privilegiada e mais precoce, quando comparadas com os rapazes. O presente estudo apresenta uma amostra maioritariamente do sexo feminino, o que pode influenciar os resultados no que respeita à perceção da qualidade da educação sexual disponibilizada pelos pais. Também poderemos estar a presenciar um indício de uma mudança gradual, no sentido de os pais também estarem sensibilizados para a importância de disponibilizar educação sexual aos seus filhos do sexo masculino, o que poderá contribuir para a progressiva diluição do duplo padrão sexual ainda presente. Assim, é importante reflectir sobre a mudança que está a ocorrer na nossa sociedade. Seria interessante realizar uma investigação dentro de alguns anos que permitisse perceber a evolução que os jovens terão face a esta mudança. Poderemos vir a ter resultados que nos mostrem jovens mais competentes do ponto de vista emocional e relacional, com maiores competências de tomada de decisão e de resistência à pressão dos pares, com maiores conhecimentos teóricos de todo o desenvolvimento sexual e com uma maior capacitação a nível da construção de projetos de vida, tal como nos é proposto por Carvalho e Figueiredo (2011). Seria interessante apurar o impacto que teria esta alteração, na nossa sociedade, a um nível macroestrutural.

No que respeita ao início da educação sexual, a maioria dos alunos considerou que este deverá ter lugar entre o 6º e o 8º ano de escolaridade. Neste momento do desenvolvimento os jovens sofrem grandes mudanças e têm diferentes experiências, nomeadamente na área da sexualidade (Toleman & McClelland, 2011). Assim, entre o 6º e o 8º ano estes poderão estar a passar por essas mesmas experiências e, assim, considerarem que seria o momento útil para que esses aspectos fossem abordados, de

forma a ajudar a sua transição. No entanto, essa posição não se coaduna com a investigação na área, que diz que a educação sexual se deve iniciar precocemente, de forma a prevenir os comportamentos de risco (Kirby, 2003; Matos, 2009). Assim, é importante ter em conta este resultado enquanto alerta para o momento em que as mudanças se estão a dar, pelo que a atuação deverá ter início antes deste momento, devendo ser realizados diferentes momentos de *follow-up*. Também seria importante saber qual a perspectiva dos jovens acerca do que é a educação sexual, pois o seu modelo de base poderá estar a influenciar a resposta a esta questão. Por exemplo, alguém que concorde com um modelo onde se integram aspectos mais emocionais e de promoção de competências, poderá defender um início mais precoce da educação sexual. Por outro lado, alguém que se centre na prevenção de comportamentos de risco numa perspectiva de prevenção selectiva ou indicada, terá tendência a defender um início mais tardio. Segundo a Ramiro e colaboradores (2011) e Matos e colaboradores (2010) a maioria dos adolescentes considera que esta serve como fonte de informação e apenas 16.5% (n=578), no estudo do segundo, considera que é útil para se saber relacionar com outra pessoa. Ou seja, aparentemente os jovens colocam-se perante a educação sexual enquanto ouvintes passivos e poucos estão sensibilizados para aspetos mais relacionais desta.

Um início mais precoce, da educação sexual foi defendido pelos rapazes, ainda que percecionem como mais elevada, do que as raparigas, a qualidade da educação sexual proveniente dos pais. Tal poderá estar associado ao fato de, de um modo geral, os rapazes iniciarem a sua vida sexual mais cedo (Matos et al., 2012, 2010; Ramiro et al., 2011) e, assim, terem sentido mais cedo a necessidade de ter maiores conhecimentos neste domínio. Mesmo quando tal não acontece, sabemos que existe um maior cuidado de garantir que as raparigas tenham educação sexual e o seu próprio desenvolvimento

(e.g. aparecimento da menarca) induz os adultos a proverem-na mais cedo do que aos rapazes. Assim, à partida, as raparigas estão melhor preparadas neste domínio. Como os rapazes não são tão estimulados nesta área, ainda não formaram uma opinião mais crítica face à qualidade da educação sexual recebida e sobrevalorizam qualquer estimulação a que sejam sujeitos.

Quanto menor o ano de escolaridade em que os alunos se encontram, maior a percepção de qualidade da educação sexual proveniente dos pais. Os alunos mais novos valorizam mais o acompanhamento dos pais nesta área e é com estes que iniciam o debate de alguns temas dentro da educação sexual. Com o avançar da idade vão-se aproximando cada vez mais dos pares e é a estes que recorrem quando têm questões neste domínio (Dias & Rodriguez, 2009). Este resultado também é explicado pelo fato de os pais serem competentes para satisfazer necessidades mais básicas dos seus filhos, a este respeito, mas poderem não o ser face a questões mais complexas, devido à sua falta de competência neste domínio associada a diferentes fatores. Para responder a estas questões mais complexas ou específicas e trabalhar o seu desenvolvimento pessoal, existem profissionais que, devido à sua experiência e formação, se tornam mais competentes. Também com o avançar da idade, os jovens vão tendo maior contato com experiências ligadas à sexualidade, o que aumenta a sua auto-perceção de competência e diminui a sua perceção da qualidade da educação sexual proveniente dos pais (Donahue et al., 2013).

Os alunos que percecionam como melhor a qualidade da educação sexual recebida, pela escola e pelos pais, atribuem maior importância à abordagem de tópicos de educação sexual. Tal, demonstra que estes valorizam a abordagem de diferentes aspetos neste domínio quando este é dado com qualidade, pois contribui para o desenvolvimento do seu conhecimento. Os alunos que nunca tiveram relações sexuais

também atribuíram maior importância a abordagem de tópicos de educação sexual, o que vai ao encontro do estudo de Chapman e Werner-Wilson (2008), que afirmam que os alunos virgens têm uma atitude mais positiva face à educação sexual do que os não virgens. Por um lado, tal poderá dever-se ao fato de que estes consideram que a abordagem de tópicos de educação sexual os ajuda a tomar uma decisão mais consciente relativa ao início das suas relações sexuais. Por outro lado, poderão ser alunos que se sentem menos competentes, devido à sua in experiência prática neste domínio.

Quanto maior a perceção da qualidade da educação sexual disponibilizada pela escola, maior a perceção da qualidade com que foram abordados tópicos de educação sexual, pelos professores. Este dado revela-nos que, para os alunos, um dos aspectos importantes da qualidade da educação sexual é a qualidade com que são abordados os tópicos do seu domínio. Estes tópicos foram considerados, pelos alunos, como sendo importantes, pelo que o aspeto interesse já está a ser atendido pela legislação portuguesa (Lei nº60/2009; Portaria n.º196-A/2010 de 9 de Abril) e prática docente. Os professores referem que se sentem confortáveis, conhecedores e disponíveis para leccionar educação sexual e tal encontra-se relacionado com a perceção que estes têm da adequação da sua formação (Alvarez & Marques-Pinto, 2012). Neste sentido, é importante que permaneça a existência de uma formação adequada dos professores, para que estes consigam realizar uma abordagem mais adequada aos tópicos em questão e melhorem a qualidade da educação sexual percebida pelos alunos. O tópico percecionado como menos importante foi o da abstinência. Este resultado poderá estar relacionado com a fácil perceção do significado do conceito e consequente falta de necessidade de clarificação do mesmo. Poderá, ainda, estar relacionado com o fato de os jovens o associarem à religiosidade e não ser do seu interesse ter uma educação com base nessas diretrizes.

Os alunos preferem que os tópicos de educação sexual sejam leccionados no 3º ciclo do ensino básico. Este resultado pode ser explicado pela fase de desenvolvimento em que os jovens se encontram. No 3º ciclo do ensino básico, a maioria dos jovens encontra-se na adolescência. Esta é uma fase de grande desenvolvimento a diferentes níveis, onde se inclui o desenvolvimento da maturidade sexual. Nesta fase dão-se novas descobertas e procuram-se respostas para descobertas já existentes, pelo que será uma fase privilegiada à aprendizagem dos tópicos da educação sexual (Mallet & Herbé, 2011; Mkumbo & Tungaraza, 2007). No entanto, sabemos que é importante que os temas sejam abordados antes de ocorrerem os comportamentos, para que se faça uma adequada promoção de competências pessoais e sociais que permita a prevenção de comportamentos de risco (Kirby, 2003; Matos, 2009), tal como já foi referido. O fato de os alunos afirmarem que têm preferência que estes tópicos sejam abordados nesta altura não significa que seja de fato a altura adequada para os abordar, mas, mais uma vez, servirá de alerta para que este será o momento em que estes comportamento já estão a tomar ou já tomaram lugar. Assim, os tópicos respetivos já deveriam ter sido introduzidos por esta altura. O aprofundamento dos mesmos, por sua vez, deverá ser realizado ao longo do tempo e em função das necessidades dos jovens a quem se está a disponibilizar a educação sexual.

Foi encontrada uma correlação elevada entre a importância atribuída à abordagem de tópicos de educação sexual na escola e a perceção qualidade da abordagem dos mesmos. Assim, os alunos estão mais disponíveis para a aprendizagem de tópicos que consideram importantes para o seu desenvolvimento e para os quais encontrem aplicabilidade.

Na perspetiva dos alunos, a qualidade da educação sexual recebida tem sido boa ou muito boa e grande parte destes considera que os docentes estão bastante

confortáveis ou muito confortáveis com os tópicos discutidos em aula, o que vai ao encontro da percepção que os professores têm de si próprios (Alvarez & Marques-Pinto, 2012). Este conforto poderá advir de diferentes factores. Por um lado, os docentes poderão estar bem preparados para o debate de questões associadas à sexualidade, por outro lado seria interessante saber qual o modelo subjacente à sua abordagem, uma vez que existem modelos que exigem maior exposição do próprio do que outros. Este resultado também poderá ser interpretado à luz da comparação com a educação sexual recebida por outros agentes educativos. No caso, os professores, embora podendo não estar muito confortáveis com o tema, poderão demonstrar-se mais à vontade do que outros agentes educativos (e.g. pais).

Cerca de um terço dos alunos inquiridos sente ter sido encorajado a colocar questões sobre sexualidade, por parte dos professores, com regularidade ou muitas vezes e considera a qualidade da resposta dada pelos professores como muito boa ou excelente. Este dado revela que os professores estão a conseguir corresponder às necessidades dos seus alunos. Para tal, estes têm conseguido actualizar os seus conhecimentos teóricos e ter um adequado desenvolvimento pessoal. Ainda assim, é de ressaltar que alguns alunos não foram encorajados por parte dos seus professores a colocar perguntas e que também existiram alunos que consideram as respostas dadas pelos seus professores como menos satisfatórias. Estes dados demonstram que ainda existem lacunas na formação dos professores nesta área e na sua disponibilidade para leccionar neste domínio.

Os alunos que atribuem maior importância à abordagem de tópicos de educação sexual, que vêem abordados na escola os tópicos de seu maior interesse e que gostam de saber mais sobre educação sexual percebem como mais elevada a qualidade da educação sexual proveniente dos pais. Os alunos cujos tópicos de interesse foram

abordados na educação sexual e que gostam de saber mais sobre este tema percebem a qualidade da educação sexual, recebida na escola, como mais elevada. Para os jovens é importante que sejam abordados tópicos do seu interesse, pois é este fator que irá ditar a utilidade da aprendizagem realizada. Os tópicos poderão não ser do seu interesse, de forma intuitiva, mas cabe aos pais e docentes fazer com que os jovens percebam o interesse de determinado aspeto ligado à sexualidade. Assim, conseguirão aumentar a probabilidade de que estes adoptem uma abordagem de profundidade, em que existe uma motivação intrínseca e os jovens assumem uma participação ativa no seu processo de aprendizagem, através do questionamento e da procura de nova informação ou do aprofundamento do que já foi aprendido. A partir daí formam relações e controem significados, podendo generalizar os conteúdos aprendidos a diferentes áreas [e.g. podem generalizar o respeito pelos outros para o respeitar a decisão do(a) companheiro(a) no que respeita à primeira vez]. É, ainda, relevante o fato de os jovens quererem saber mais acerca da educação sexual e tal estar associado a um aumento da percepção da qualidade da educação sexual recebida na escola e em casa. Este dado induz-nos que uma educação de qualidade leva a um aumento do interesse, pelo que aumenta a probabilidade de o jovem, mesmo de forma autónoma, procurar saber mais sobre os temas que mais lhe interessaram, no caso dentro desta grande área. Por outro lado, Álvarez (2004) alerta-nos para o fato de os alunos quererem procurar mais informação, pois os professores não lecionam determinados tópicos com base na sua perspetiva acerca da sua relevância e do interesse que poderão ter para os jovens.

A maioria dos jovens afirma não querer saber mais acerca da sexualidade e saúde sexual. Como já vimos anteriormente, os alunos do 9º ano distinguem-se dos seus colegas mais novos por não sentirem tanta necessidade de receber educação sexual, uma vez que têm uma atitude menos positiva face à partilha da responsabilidade entre escola

e pais. Tendo em conta que a amostra da presente investigação era maioritariamente do 9º ano, estes têm uma grande influência no resultado apresentado. Tendo em conta que estes alunos já poderão ter tido experiências sexuais, considerar-se-ão mais competentes que os seus colegas e sentem que a educação sexual pouco ou nada acrescentará ao seu saber. Embora os alunos afirmem que se sentem satisfeitos com a educação sexual recebida, que pais e professores os encorajam a colocar questões e que as respondem de forma satisfatória, seria importante perceber qual o modelo que subjaz a prática destes pais e docentes, tal como já referido. Caso estes abordem um pequeno conjunto de temas, embora o façam com muita qualidade, os alunos sentirão que já aprenderam sobre esse tema e que a educação sexual deixou de ser útil, uma vez que já têm aquele conhecimento. Se for transmitido aos alunos que existe um vasto leque de temas a abordar (como os tópicos que lhes apresentámos neste estudo), estes poderão continuar a querer saber mais acerca da sexualidade e saúde sexual. Por outro lado, nos casos em que tal já acontece, poderemos estar perante um conjunto de pais e professores que consegue satisfazer as necessidades dos seus alunos, neste domínio. Tal demonstra que estes estão mais atentos, têm sensibilidade para a importância deste campo no desenvolvimento positivo dos seus filhos/alunos (Chapman & Werner-Wilson, 2008) e têm conhecimentos adequados dentro desta área.

Limitações

O estudo apresentado traz um novo contributo para a investigação na área da saúde e sexualidade, através da exploração da perspectiva dos jovens portugueses acerca desta área e da educação sexual por si recebia, uma vez que estes pouco são ouvidos nas investigações já realizadas. No entanto, o mesmo apresenta algumas limitações que

deverão ser tidas em consideração aquando das interpretações dos resultados e para investigações futuras.

A amostra recolhida foi maioritariamente de alunos do 3ºciclo do ensino básico, tendo uma grande expressão de respostas por parte de alunos do 9º ano. Esta *desigualdade* entre anos de escolaridade poderá ter influenciado a grande percentagem de respostas dadas a algumas questões.

Uma limitação mais específica está presente na questão “ em que ano se deve iniciar a educação sexual?”, uma vez que, por lapso, não foi disponibilizada a opção “não deve ser disponibilizada educação sexual”. Assim, os alunos tiveram de escolher uma das opções que tinham anos de escolaridade e não tiveram a liberdade de escolha de não querer que existisse educação sexual. No estudo, assumimos que estes escolheriam a opção mais tardia (9º-12º ano) para o início da educação sexual.

Por fim, para a recolha da amostra deste estudo foi necessária a autorização das escolas, dos pais e dos próprios alunos. Assim, a amostra foi voluntária e, como tal, poderá ter sido composta por alunos com uma atitude mais favorável à existência de educação sexual e cujos pais e professores também o são. Assim, poderão não ser uma amostra representativa da realidade portuguesa.

Implicações do estudo

Tendo em conta que os jovens são o alvo da educação sexual, impõe-se a necessidade de perceber qual a sua perspectiva em torno desta questão, de forma a não incorrermos no erro de trabalharmos com eles aspectos que só os adultos considerem que lhes interessa ou que são prementes em determinado momento. Os jovens são, então, uma fonte de informação privilegiada para que saibamos quais o temas de

educação sexual que são mais valorizados pelos próprios, para que estes tenham uma aprendizagem de maior qualidade e mais eficaz. Por outro lado, somos nós, adultos, quem tem de actualizar os conhecimentos e desenvolver intervenções mais eficazes junto dos mesmos, o que, por vezes, implica incluir alguns temas que estes não consideraram como importantes devido a desconhecimento da sua importância para a vivência de uma sexualidade plena. Estes poderão ser consultados em outros estudos sobre sexualidade e eficácia de programas de educação sexual.

Assim, este estudo apresenta-se como uma base para esse conhecimento, no que respeita aos estudantes portugueses. Tendo em conta que em Portugal há obrigatoriedade de disponibilização de educação sexual, por parte das escolas, constante na sua legislação, urge saber se esta tem vindo a ser implementada e quais as alterações a considerar fazer à mesma.

Este estudo apresenta um conjunto de dados que permite perceber se pais e professores estão a ser percecionados enquanto competentes para providenciar uma educação sexual adequada aos nossos jovens. Tal é importante, pois permite perceber a que níveis devem as entidades competentes intervir, quer na formação, quer no apoio financeiro ou material.

Com o presente estudo temos um acesso detalhado à perspectiva dos alunos relativa a tópicos de educação sexual, quais os que valorizam e em que anos os consideram como sendo mais importantes de serem abordados. Estes dados permitirão ser comparados com as directrizes dadas pelo governo português e ponderar a sua adequação às necessidades atuais dos jovens. Tal não invalida que se realize um levantamento de necessidades junto do público-alvo, pois existe uma grande dispersão de opiniões.

Podemos, ainda, utilizar este estudo como base de comparação de estudos futuros e como referência geral para estudos ou levantamento de dados junto de populações mais específicas (e.g. uma escola).

Referências Bibliográficas

- Aboim, S.(2010). Sexualidade e estilos de vida: Comportamentos sexuais, risco e prevenção. In Pedro M. Ferreira & Manuel V. Cabral (Org.). *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e riscos* (pp.417-460). Lisboa: Bizâncio.
- Almeida, A. C., & Centa, M. L. (2009). A família e a educação sexual dos filhos: Implicações para a enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(1), 71-76.
Retirado de http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/en_a12v22n1.pdf.
- Álvarez, P.M. (2004). Sexualidad adolescente y educación ¿beneficio o desventaja? *Archivos Hispanoamericanos de Sexología*, 10, 11-15.
- Alvarez, M.J. & Marques-Pinto, A. (2012). Educação sexual: Atitudes, conhecimentos, conforto e disponibilidade ara ensinar de professores portugueses. *Aletheia*, 38-39, 8-24.
- Anastácio, Z.C. (2010). *Educar para a sexualidade saudável: Quem e que contributos?* Universidade do Minho. Retirado de http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12205/1/Artigo_IICIPUC_Zelia_Rep.pdf
- Byers, E.S., Sears, H.A., Voyer, S.D., Thurlow, J.L., Cohen, J.N., & Weaver, A.D. (2003a). An adolescent perspective on sexual health education at school and at home: I. High school students. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 12, 1-17.
- Byers, E.S., Sears, H.A., Voyer, S.D., Thurlow, J.L., Cohen, J.N., & Weaver, A.D. (2003b). An adolescent perspective on sexual health education at school and at

- home: II. Middle school students. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 12, 19-33.
- Carvalho, L.M., & Figueiredo, C.C. (2011). Configurações de conhecimento e política na regulação da educação sexual em meio escolar. *Educação, Sociedade e Culturas*, 34, 67-38.
- Chapman, E.N., & Werner-Wilson, R.J. (2008). Does positive youth development predict adolescent attitudes about sexuality? *Adolescence*, 43, 505-523.
- Cohen, J.N., Byers, E.S., Sears, H.A., & Weaver, A.D. (2004). Sexual health education: attitudes, knowledge, and comfort of teachers in New Brunswick schools. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 13, 1-15.
- Corrêa, S., & Howe, C. (2007). Global perspectives on sexual rights. In G. Herdt & C. Howe (Eds.), *21st century sexualities: Contemporary issues in health, education, and rights* (pp. 170-173). New York: Routledge.
- Correia, T. (2008). Expectativas dos adolescentes em relação aos professores e profissionais de saúde na área da sexualidade. *Sinais Vitais*, 80, 42-48.
- Declaração Universal dos Direitos do Homem. Disponível: <http://www.fpce.up.pt/sae/pdfs/Decl_Univ_Direitos_Homem.pdf> Acessado: 9/2013
- Dias, A.C., & Rodrigues, M.A. (2009). Adolescentes e sexualidade: Contributo da educação, da família e do grupo de pares adolescentes no desenvolvimento da sexualidade. *Revista Referência*, 10, 15-22.

- Donahue, K.L., Lichtenstein, P., Langstrom, N., & D’Onofrio, B.M. (2013). Why does early sexual intercourse predict subsequent maladjustment? Exploring potential familial confounds. *Health Psychology*, 32, 180-189.
- Ferreira, P.M. (2010). Contextos da iniciação sexual – idade, relacionamento e geração. In P. M. Ferreira & M. V. Cabral (Org.), *Sexualidades em Portugal: Comportamentos e riscos* (pp. 231-288). Lisboa: Bizâncio.
- Flanagan, P. (2011). Making sense of children’s sexuality: Understanding sexual development and activity in education contexts. *Waikato Journal of Education*, 6, 69-79.
- INE (2012). *Indicadores Sociais 2011*. Portugal: Lisboa.
- Kirby, D. (2003). Risk and protective factors affecting teen pregnancy and the effectiveness of programs designed to address them. In D. Romer. (Ed.). *Reducing adolescent risk: Toward an integrated approach* (pp. 265-291). London: SAGE Publications.
- Lei n.º 3/84 de 24 de Março. *Diário da República*, 1.ª série A, Nº3 .
- Lei n.º 120/99 de 11 de Agosto. *Diário da República*, 1.ª série A, Nº186 .
- Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto. *Diário da República*, 1.ª série, Nº251.
- Lottes, I.L. (2013). Sexual rights: meanings, controversies, and sexual health promotion. *Journal of Sex Research*, 50(3-4), 367-91.
- Maia, A.C. (2006). *Sexualidade e deficiências*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Maia, A.C. (2011). *Inclusão e sexualidade: na voz das pessoas com deficiência física*. Curitiba: Juruá Editora.

- Mahoney, E.R. (1983). *Human Sexuality*. New York: McGraw-Hill.
- Mallet, P., & Herbé, D. (2011). Does knowledge about sexuality prevent adolescents from developing rape-supportive beliefs? *Journal of Sex Research*, 48(4), 372-380.
- Macrothink Institute.Mlykado, B.P. (2013). Schoolgirls' knowledge of, and efforts against risky sexual activity: the needs for sex education in schools. *International Journal of Education*, 5 (1), 149-158.
- Marinho, S., & Anastácio, Z. (2011). Concepções de professores e alunos sobre educação sexual e sexualidade. Universidade do Minho. Retirado de http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15525/1/texto_XICGPP_SusanaMarinho%26ZeliaAnastacio.pdf
- Marques, A. M., & Prazeres, V. (2000) *Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras* (1.ª Edição). Lisboa: Ministério da Educação/Ministério da Saúde.
- Matos, M.G., Ramiro, L., Reis, M., & Equipa Aventura Social. (2011). Sexualidade dos jovens portugueses. Relatório do estudo online sobre sexualidade nos jovens. Retirado de http://aventurasocial.com/arquivo/1368456942_Relatorio_OSYS%20RGB_K.pdf
- Matos, M.G., Reis, M., Ramiro, L., Borile, M., Berner, E., Vázquez, S., Equipa Aventura Social. (2009). Educação sexual em Portugal e em vários países da América Latina. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10(1), 149-158.
- Matos, M.G., Simões, C., Tomé, G., Camacho, I., Ferreira, M., Ramiro, L., ... Equipa Aventura Social. (2010). A saúde dos adolescentes portugueses. Relatório do estudo HBSC 2010. Retirado de

http://aventurasocial.com/arquivo/1334762276_Relatorio_HBSC_2010_PDF_Finalissimo.pdf

Matos, M.G., Simões, C., Tomé, G., Camacho, I., Ramiro, L., Reis, M., ... Aventura Social. (2012). Comportamentos sexuais. Retirado de http://aventurasocial.com/arquivo/1332166450_03%20Comportamentos%20Sexuais.pdf

Meyer, E.J. (s.d.). *Gender and sexual diversity on schools*. New York.

Papalia, D.E., Olds, S.W., & Feldman, R.D. (2001). *O mundo da criança*. Portugal: McGraw-Hill.

Parreira, A. (2005/2006). A importância dos projectos em escolas. *Educação Sexual em Rede*, 2, 14-15.

Portaria n.º196-A/2010 de 9 de Abril. *Diário da República*, 1.ª série, N.º69.

Quintal, M. (2012). *A comunicação entre pais e filhos: Perspectivas parentais sobre educação sexual*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa

Ramiro, L., Reis, M., Matos, M. G., Dinis, J. A., & Simões, C. (2011). Educação sexual, conhecimentos, atitudes e comportamentos nos adolescentes. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 29(1), 11-21.

Rapsey, C., & Murachver, T. (2006). Adolescent sexuality. In R. D. McAnulty and M. M. Burnette. *Sex and sexuality: Sexuality today: trends and controversies* (pp. 61-102), Vol 1. Connecticut: Greenwood Publishing Group.

- Rivara, F.P., & Grossman, D.C. (1996). Prevention of traumatic deaths to children in the United States: How far have we come and where do we need to go? *Pediatrics*, 97, 791-798.
- Rodrigues, V., Carvalho, G.S., Gonçalves, A., & Albuquerque, C. (2008). *Estilos de vida: o que dizem os professores: a realidade dos alunos*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Rodrigues, C.J., & Vilaça, T. (2011). Responder às necessidades em educação sexual dos adolescentes: Influência do género no desenvolvimento da competência de acção. *Actas do XI Congreso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, 457-467. Universidade da Coruña. Universidade do Minho.
- Ruiz-Canela M., López-del Burgo C., Carlos S., Calatrava M., Osorio A., & de Irala, J. (2012). Familia, amigos y otras fuentes de información asociadas al inicio de las relaciones sexuales en adolescentes de El Salvador. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 31(1), 54–61.
- Saavedra, L., Magalhães, S., Soares, D., Ferreira S., & Leitão, F. (2007). Género, cultura e sexualidade em jovens portuguesas e portugueses: um programa de educação sexual. *VI Congreso Astur-Galaico de Sociologia*, 1-20. Coruña: Universidade do Minho.
- Saavedra, L., Nogueira, C., & Magalhães, S. (2010). Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: Implicações para a educação sexual. *Educação e Sociedade*, 31, 135-156.
- Sieg, E. (2003). Sex education and the young – some remaining dilemmas. *Health Education*, 103 (1), 34-40.

- Somers, C.L., & Vollmar, W.L. (2006). Parent-adolescent relationships and adolescent sexuality: closeness, communications, and comfort among diverse U.S. adolescent samples. *Social Behavior and Personality*, 64(4), 451-460.
- Toleman, D.L., & McClelland, S.I. (2011). Normative sexuality development in adolescence: a decade in review 2000-2009. *Journal of Research on Adolescence*, 21(1), 242-255.
- Weaver, A.D., Byers, E.S., Sears, H.A., Cohen, J.N., & Randall, H.S. (2002). Sexual health education at school and at home: attitudes and experiences of New Brunswick parents. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 11, 19-31.
- WHO (2010). *Standards for sexuality education in Europe: a framework for policy makers, educational and health authorities and specialists*. Cologne: Federal Centre for Health Education, BZgA.
- Zapiain, J.G. (2003). A educação afetivo-sexual na escola. *Sexualidade & Planejamento Familiar*, 36, 33-38.

Lista de Anexos

Anexo I

Questionário de Atitudes Face à Educação Sexual em Estudantes do 3ºCiclo do Ensino

Básico e do Ensino Secundário

Anexo II

Carta de Apresentação da Investigação

Anexo III

Consentimento Informado aos Pais

Anexo I – Questionário de Atitudes Face à Educação Sexual em Estudantes do 3ºCiclo
do Ensino Básico e do Ensino Secundário

QUESTIONÁRIO DE ATITUDES FACE À EDUCAÇÃO SEXUAL EM ESTUDANTES
DO 3ºCICLO DO ENSINO BÁSICO E DO ENSINO SECUNDÁRIO

O questionário que a seguir se apresenta insere-se numa investigação acerca da educação sexual recebida pelos jovens que frequentam o 3ºCiclo e o Ensino Secundário nas escolas portuguesas.

Este questionário é inspirado no estudo de Sandra Byers e colaboradores (2003) da Universidade de New Brunswick, no Canadá e complementa um conjunto de questionários aplicados a pais e professores em Portugal, nos anos de 2011 e 2012.

O questionário é composto maioritariamente por perguntas de resposta fechada que remetem para a educação sexual recebida quer através dos professores quer através dos pais.

Caso pretendas ajudar-nos na nossa investigação, lembramos que é importante que respondas honestamente a todas as perguntas. Este site não controla o IP (endereço de internet) dos seus utilizadores, por isso, toda a informação que facultares é confidencial e anónima. Por favor, não coloques o teu nome em qualquer local do questionário.

A informação que recebermos vai permitir-nos perceber se a educação sexual recebida pelos jovens vai ao encontro das suas necessidades e permite-nos criar condições para que a educação sexual, no futuro, seja facultada de uma forma mais útil e adequada.

O preenchimento deste questionário é anónimo, voluntário e pode ser interrompido a qualquer momento.

Verifica se tens o código necessário para iniciar o preenchimento do questionário.

Para qualquer comentário ou dúvida, por favor contacta o seguinte endereço electrónico: questionarioeducacao@gmail.com

Agradecemos desde já a tua participação!

Escreve aqui o código que recebeste: _____

Parte A. Estamos interessados na tua opinião geral acerca da educação sexual. Para cada uma das seguintes questões, selecciona aquela que melhor descreve a tua opinião.

A1. A educação sexual deve ser disponibilizada nas escolas.

- ☐ Concordo muito
- ☐ Concordo
- ☐ Nem Concordo nem Discordo
- ☐ Discordo
- ☐ Discordo muito

A2. A escola e os pais devem partilhar a responsabilidade pela educação sexual dos jovens.

- ☐ Concordo Muito
- ☐ Concordo
- ☐ Nem Concordo nem Discordo
- ☐ Discordo
- ☐ Discordo Muito

A3. Em que ano consideras que se deve iniciar a educação sexual?

- ☐ Infantil – 3ºano
- ☐ 4º - 5º
- ☐ 6º - 8º

- ☐ 9º - 12º

A4. De um modo geral, como classificarias a qualidade da educação sexual que tens recebido na escola?

- ☐ Excelente
- ☐ Muito Boa
- ☐ Boa
- ☐ Razoável
- ☐ Má
- ☐ Não recebi qualquer Educação Sexual

A5. A educação sexual que tenho recebido na escola cobriu os tópicos que mais me interessam.

- ☐ Concordo Muito
- ☐ Concordo
- ☐ Nem Concordo nem Discordo
- ☐ Discordo
- ☐ Discordo Muito
- ☐ Não recebi qualquer Educação Sexual

Parte B. Há vários tópicos que podem ser abordados na Educação Sexual. Quão importante é, na tua opinião, que cada um dos tópicos a seguir apresentados seja abordado pela Educação Sexual na escola? Para cada tópico selecciona o círculo que melhor representa a tua opinião

	Nada Importante	Algo Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante
Conhecer vocabulário correcto para falar sobre os órgãos genitais e práticas sexuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Conhecer vocabulário correcto para falar sobre práticas sexuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Puberdade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reprodução	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contracepção e práticas sexuais seguras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Abstinência (não ter relações sexuais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Infecções sexualmente transmissíveis (e.g. SIDA, Herpes)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Género e diversidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas (sentir-se sexualmente pressionado ou forçado)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prazer e satisfação sexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tomada de decisão num relacionamento (e.g. na decisão do quão longe queres ir)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aspectos emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vários tipos de família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte C. Estamos interessados na educação sexual que tens recebido na escola.

C1. Em que ano estavas na última vez que recebeste educação sexual?

Infantil – 4º ano	O 5º - 6º	O 7º - 9º	O 10º - 12º	O Não tive educação sexual na escola
-------------------	-----------	-----------	-------------	--------------------------------------

C2. Pensa sobre a educação para a saúde sexual que tens recebido na escola. Quão bem foram abordados cada um dos seguintes tópicos? Se não abordaste cada um dos tópicos porque não recebeste educação sexual, selecciona “Nunca Foi Abordado” em cada tópico.

	Nunca Foi Abordado	Pouco Abordado	Abordado	Bem Abordado	Muito Bem Abordado
Conhecer vocabulário correcto para falar sobre os órgãos genitais e práticas sexuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecer vocabulário correcto para falar sobre práticas sexuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Puberdade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reprodução	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contracepção e práticas sexuais seguras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Abstinência (não ter relações sexuais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Infecções sexualmente transmissíveis (e.g. SIDA, Herpes)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Género e diversidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas (sentir-se sexualmente pressionado ou forçado)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prazer e satisfação sexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tomada de decisão num relacionamento (e.g. na decisão do quão longe queres ir)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aspectos emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vários tipos de família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

C3. Agora, gostaríamos que escrevesse duas questões sobre educação sexual à tua escolha e sobre as quais gostarias de vir a saber mais.

1.

2.

Parte D. Estamos interessados na tua opinião acerca da forma como a educação sexual é ensinada na escola. Para responderes a estas questões, pensa no(a) professor(a) que te ensinou educação sexual mais recentemente. Este(a) pode ser uma(a) professor(a) que tiveste este ano, no ano passado ou há uns anos atrás.

D1. Quão confortável estava o/a teu/tua professor/a com os tópicos discutidos?

- ☐ Muito Confortável
- ☐ Bastante Confortável
- ☐ Confortável
- ☐ Pouco Confortável
- ☐ Nada Confortável
- ☐ Não Tive Qualquer Educação Sexual

D2. Com que frequência o teu/tua professor/a encorajou os estudantes a colocarem questões sobre a sexualidade?

- ☐ Muitas Vezes
- ☐ Com Regularidade
- ☐ Algumas Vezes
- ☐ Uma ou Duas Vezes
- ☐ Nunca
- ☐ Não Tive Qualquer Educação Sexual

D3. Quão bem ele/ela respondeu a essas questões?

- ☐ Excelentemente
- ☐ Muito Bem
- ☐ Bem
- ☐ Razoavelmente
- ☐ Pobrememente
- ☐ Não Tive Qualquer Educação Sexual

D4. Em relação às aulas de educação sexual na tua escola, que afirmação se aplica? (escolhe uma)

- ☐ Rapazes e raparigas são ensinados separadamente, em grupos diferentes
- ☐ Rapazes e raparigas são ensinados juntos, no mesmo grupo
- ☐ Não tive qualquer educação sexual

D5. Eu preferia que as aulas de educação sexual fossem: (escolhe uma)

- ☐ Rapazes ensinados com rapazes e raparigas ensinadas com raparigas, em grupos diferentes
- ☐ Rapazes e raparigas ensinados no mesmo grupo
- ☐ Não tem importância para mim ser-se ensinado no mesmo grupo ou em grupos separados

D6. Abaixo encontra-se uma lista de métodos que alguns professores utilizam para ensinar educação sexual. Para cada método, indica (1) se o/a teu professor/a utiliza este método na tua aula; e (2) quão útil acreditas que cada método seria para te ajudar a aprender ou a manter-te interessado/a nos tópicos ensinados.

		(1) O teu professor mais recente de educação sexual utilizou este método?	(2) Quão útil seria cada método para te ajudar a aprender ou manter interessado/a nos tópicos ensinados?			
				Não Ajudaria Nada	Ajudaria	Ajudaria Muito
Exposição	Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/>			<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vídeos	Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/>			<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Leitura	Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Discussão em grupo	Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Oradores convidados	Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Projectos/ trabalhos individuais	Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dramatização, teatro, jogos	Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Caixas de perguntas (onde se deixam questões sem que os outros saibam quem as fez)	Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte E. Abaixo encontra-se uma lista de tópicos acerca da educação sexual que podem ser abordados em aula. Para cada tópico selecciona o círculo correspondente ao nível de escolaridade em que terias gostado de ter aprendido ou gostarias de vir a aprender acerca destes tópicos.

Por exemplo, se tivesses gostado de ter aprendido o nome correcto dos genitais no jardim de infância, ou nos 1, 2, 3 ou 4 anos selecciona o círculo correspondente à coluna “1º Ciclo do Ensino Básico”, ao lado desse tópico. Se sentes que um tópico não deve ser abordado antes do 10º, 11º ou 12º ano selecciona o tópico por baixo da coluna “Ensino Secundário”. Se sentes que um tópico não deve ser ensinado na escola, selecciona o círculo abaixo da coluna de “Este tópico não deve ser incluído”.

	Eu gostaria de ter aprendido acerca disto em:				
	1º Ciclo Ensino Básico (Infantil – 4º)	2º ciclo do ensino básico (5º – 6º)	3º ciclo do ensino básico (7º – 9º)	Ensino Secundário (10º – 12º)	Este tópico não deve ser incluído
Conhecer vocabulário correcto para falar sobre os órgãos genitais e práticas sexuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecer vocabulário correcto para falar sobre práticas sexuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Imagem corporal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Puberdade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sonhos húmidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Menstruação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reprodução e nascimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contraceção e práticas sexuais seguras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Abstinência (não ter relações sexuais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Infecções sexualmente transmissíveis (e.g. SIDA, Herpes)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gravidez adolescente/ Parentalidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Abuso sexual e prevenção de práticas abusivas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Construção de relações românticas igualitárias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Homossexualidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atração, Amor, Intimidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comunicação sobre questões sexuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentir-se confortável com o sexo oposto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A primeira relação sexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente activo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Masturbação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comportamento sexual (e.g. Beijos profundos; relações sexuais)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sexo como parte de uma relação amorosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prazer sexual e orgasmo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Problemas e preocupações sexuais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sexualidade nos media	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pornografia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Prostituição adolescente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tomada de decisão sexual num relacionamento (e.g. na decisão do quão longe queres ir)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ligação entre sexualidade e um projecto de vida que integra valores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Género e diversidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	<input type="radio"/>		<input type="radio"/>		<input type="radio"/>		<input type="radio"/>		<input type="radio"/>
--	-----------------------	--	-----------------------	--	-----------------------	--	-----------------------	--	-----------------------

Parte F. Esta parte é acerca da educação sexual que recebeste em casa e se já tiveste algum namoro. Lembra-te que as tuas respostas são ANÓNIMAS e CONFIDENCIAIS.

F1. Na escala seguinte seleciona a opção que melhor corresponde à forma como achas que os teus pais ou substitutos se saíram ao discutir contigo a educação sexual de que precisas.

- ☐ Excelente
- ☐ Muito Bem
- ☐ Bem
- ☐ Razoavelmente
- ☐ Pobremente
- ☐ Não Tive Qualquer Educação Sexual

F2. Com que frequência os teus pais ou substitutos te encorajaram ao fazeres-lhes perguntas acerca da sexualidade?

- ☐ Muitas Vezes
- ☐ Com Regularidade
- ☐ Algumas Vezes
- ☐ Uma ou Duas Vezes
- ☐ Nunca
- ☐ Não Tive Qualquer Educação Sexual

F3. Eu gostava que os meus pais ou substitutos tivessem falado mais comigo acerca da sexualidade

- ☐ Concordo Muito
- ☐ Concordo
- ☐ Nem Concordo nem Discordo
- ☐ Discordo
- ☐ Discordo Muito

F4. Eu gostava de saber mais acerca da sexualidade e da saúde sexual

- ☐ Concordo Muito
- ☐ Concordo
- ☐ Nem Concordo nem Discordo
- ☐ Discordo
- ☐ Discordo Muito

F5. Alguma vez tiveste namorado/a?

- ☐ Sim
- ☐ Não

F6. Se já tiveste namorado/a, qual foi o maior período de tempo que estiveste com alguém?

- ☐ Menos de uma semana
- ☐ De uma a duas semanas
- ☐ Três ou quatro semanas
- ☐ Um a dois meses
- ☐ Mais de dois meses

F7. Já tiveste relações sexuais pelo menos 1 vez?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Parte G. Agora gostaríamos de saber mais acerca dos estudantes que estão a completar o questionário e das suas famílias.

G1. És do sexo masculino ou feminino?

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

☐ Centro Interior

☐ Sul Litoral

☐ Sul Interior

☐ Litoral

G2. Em que ano te encontras?

☐ Interior

☐ Ilhas

☐ 7º

☐ 8º

☐ 9º

☐ 10º

☐ 11º

☐ 12º

G5. Com quem vives neste momento?

☐ Ambos os pais

☐ Apenas a mãe

☐ Apenas o pai

☐ Metade do tempo com a mãe e metade do tempo com o pai

☐ Outra pessoa que não um dos pais (e.g. familiar, amigo)

☐ Pais de acolhimento

☐ Sozinho

G3. Vives numa

☐ Aldeia

☐ Vila

☐ Cidade

G4. Região do País

☐ Norte Litoral

☐ Norte Interior

☐ Centro Litoral

G6. A minha mãe (ou substituta) completou:

- ☐ Ensino básico
- ☐ Ensino secundário
- ☐ Ensino técnico-profissional
- ☐ Ensino superior
- ☐ Não sei

G7. O teu pai (ou substituto) completou:

- ☐ Ensino básico
- ☐ Ensino secundário
- ☐ Ensino técnico-profissional
- ☐ Ensino superior
- ☐ Não sei

G8. És:

- ☐ Pessoa sem deficiência
- ☐ Portador de deficiência auditiva
- ☐ Portador de deficiência da fala
- ☐ Portador de deficiência auditiva e da fala
- ☐ Pessoa em cadeira de rodas

Escreve a razão que te leva a estar em cadeira de rodas:_____

JÁ TERMINASTE!!!

OBRIGADA POR COMPLETARES O NOSSO QUESTIONÁRIO!

Caso tenhas interesse na consulta de informação relacionada com temas de educação sexual, deixamos algumas sugestões de *sites* e linhas de atendimento telefónico para consulta. Nos sites indicados é possível encontrar informações sobre educação para a sexualidade, sexualidade positiva e planeamento familiar, entre outros assuntos. Nas linhas telefónicas indicadas é possível esclareceres as tuas dúvidas.

Sites

<http://www.apf.pt/> - Associação para o Planeamento da Família (APF)

<http://www.mdvida.pt/> - Movimento de Defesa da Vida (MDV)

<http://www.sexualidadejuvenil.info/> - Sexualidade Juvenil

<http://www.educacao.te.pt/jovem/index.jsp?p=106> – Área Estudante

Linhas de Atendimento Telefónico

22 200 17 98 – Sexualidade em Atendimento

808 22 2003 – Sexualidade em Linha (e-mail: sexualidade@ipi.pt)

800 20 21 20 – Sexualidade Segura

21 386 20 20 – Linha SOS Grávida (dias úteis das 10h às 17h)

21 887 61 16 – Linha de Apoio e Informação sobre Homossexualidade (LAISH)

800 26 66 66 – Linha SIDA

800 20 10 40 – SOS SIDA

Anexo II – Carta de Apresentação do Estudo

**CARTA DE APRESENTAÇÃO DO ESTUDO**

Exm(a). Senhor(a)
Director(a) da Escola

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, está a ser realizada uma investigação sobre a perspetiva dos estudantes acerca da educação sexual por si recebida (quer através dos pais quer através dos professores). Esta investigação insere-se na concretização de uma monografia, da secção de Psicologia da Educação e Orientação, realizada por Cláudia Leitão e orientada pela Profª Doutora Maria João Alvarez. Os resultados deste estudo permitirão contribuir para o conhecimento da realidade vivida pelos nossos jovens, após a introdução da obrigatoriedade da Educação Sexual nas escolas portuguesas (Lei nº.60-2009; Portaria nº.196-A/2010), bem como o desenvolvimento de intervenções, numa perspetiva quer preventiva quer promocional, que irão ao encontro das suas necessidades e interesses, contribuindo para a sua eficácia.

Trata-se de um estudo no seguimento da adaptação das versões e recolha de informação para pais e professores, sendo que o presente questionário se destina a estudantes que frequentam o 3ºCiclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário.

Este estudo envolve o preenchimento de um questionário de resposta fechada por jovens entre os 7º e 12º anos de escolaridade. O objetivo do mesmo é o de recolher informação de forma a identificar as necessidades ao nível da educação sexual dos jovens portugueses, os temas que mais valorizam e a existência de diferenças de género e entre anos de escolaridade nesta apreciação. Gostaríamos, ainda, de conhecer a percepção que têm da educação sexual recebida na escola e em casa e se as necessidades dos jovens com e sem deficiência física são distintas ou consonantes.

Solicitamos, deste modo, a colaboração da sua Escola para que possam ser preenchidos os questionários pelos estudantes das turmas disponíveis entre os 7º e o 12º anos. As respostas serão anónimas e confidenciais e destinam-se unicamente a fins de investigação científica.

Enviamos em anexo o questionário e uma proposta para o pedido de consentimento aos encarregados da educação, a devolver autorizando/não autorizando a participação dos jovens sob sua tutela.

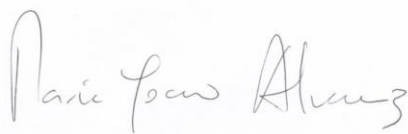
Comprometemo-nos a conduzir a investigação segundo os melhores critérios científicos e éticos e sem quaisquer encargos financeiros para a vossa Escola.

Certas da Vossa atenção, deixamos os nossos melhores cumprimentos.

Lisboa, 12 de Outubro de 2012



(Cláudia Raquel Pereira Leitão)



(Prof. Doutora Maria João Alvarez)

Anexo III – Consentimento Informado aos Pais

CONSENTIMENTO INFORMADO - PAIS

Exmos. Senhores

Encarregados da Educação,

Vimos por este meio informar que está a ser desenvolvida uma investigação *sobre a perspetiva dos alunos acerca da educação sexual recebida*, inserida da concretização de uma monografia, realizada no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, por Cláudia Leitão, orientada pela Profª Doutora Maria João Alvarez, tendo a Escola aceitado colaborar no estudo.

Quando os jovens são alvo de uma educação sexual bem planeada e facultada de forma eficaz, tal aumenta a sua saúde sexual e diminui a probabilidade de apresentarem consequências negativas provenientes da vivência da sua sexualidade, como por exemplo a gravidez não desejada.

Neste sentido pretendemos perceber se a educação sexual recebida pelos jovens portugueses está a ir ao encontro dos seus interesses e qual a percepção que têm da educação sexual recebida. Os resultados deste estudo permitirão contribuir para o conhecimento da realidade vivida pelos nossos jovens, após a introdução da obrigatoriedade da Educação Sexual nas escolas portuguesas (Lei nº.60-2009; Portaria nº.196-A/2010), bem como o desenvolvimento de intervenções, numa perspetiva quer preventiva quer promocional, mais eficazes.

Deste modo, vimos pedir a sua autorização para que o seu educando possa participar preenchendo um questionário, com o fim de conhecer a sua perspetiva acerca da educação sexual por ele recebida. Pedimos o favor de entregar à/ao Director/a de Turma o destacável até ao próximo dia 3 de Abril.

-----a destacar e entregar à(ao) Director(a) Turma -----

Eu, _____ (nome), encarregado de educação do
aluno _____ (nome do educando)

☐ Autorizo a participação do meu educando no estudo sobre a perspetiva dos alunos acerca da educação sexual recebida.

☐ Não autorizo a participação do meu educando no estudo sobre a perspetiva dos alunos acerca da educação sexual recebida.

Assinatura: _____